

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE EDUCAÇÃO LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS

ELAINE CRISTINA PERES DA SILVA

**O LÉXICO NO CAMPO SEMÂNTICO “CORES” EM LIBRAS:
VARIAÇÃO FONOLÓGICA NA PERSPECTIVA DIATÓPICA**

RIO BRANCO
2019

ELAINE CRISTINA PERES DA SILVA

**O LÉXICO NO CAMPO SEMÂNTICO “CORES” EM LIBRAS:
VARIAÇÃO FONOLÓGICA NA PERSPECTIVA DIATÓPICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Acre como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras-Libras.

Orientador: Professor Israel Queiroz de Lima
Coorientador: Professor Dr. Alexandre Melo de Sousa

RIO BRANCO

2019

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

- 86l Silva, Elaine Cristina Peres da, 1978-
O léxico no campo semântico “cores” em libras: variação fonológica perspectiva diatópica / Acre / Elaine Cristina Peres da Silva; orientador Israel Queiroz de Lima e Coorientador: Dr. Alexandre Melo de Sousa. - 20

102 f.: il. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Fed Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Curso de Licenciatura em Libras, Rio Branco, 2019.

Inclui referências bibliográficas.

1. Linguagem Brasileira de Sinais. 2. Variação fonológica. 3. Cores. I. Israel Queiroz de (orientador). II. Sousa, Alexandre Melo de (Coorientador). Título.

CDD: 419

Bibliotecária: Nádia Batista Vieira CRB-11º/882.

ELAINE CRISTINA PERES DA SILVA

**O LÉXICO NO CAMPO SEMÂNTICO “CORES” EM LIBRAS:
VARIAÇÃO FONOLÓGICA NA PERSPECTIVA DIATÓPICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras Libras, Universidade Federal do Acre, Curso de Licenciatura Letras Libras

Aprovado em 09 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Israel Queiroz de Lima (Orientador)

Universidade Federal do Acre – UFAC

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa (Coorientador)

Universidade Federal do Acre – UFAC

Profa. Dra. Rosane Garcia Silva

Universidade Federal do Acre – UFAC

Prof. João Renato dos Santos Junior

Universidade Federal do Acre - UFAC

Rio Branco
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar a vida, saúde e sabedoria durante todos esses anos.

Agradeço à minha querida mãe Aldenira, que, apesar de todos os seus problemas de saúde, sempre me ajudou, durante esses anos na universidade, a cuidar da minha filha e do meu marido durante minhas ausências, que nunca me deixou desistir e sempre foi um grande exemplo de perseverança.

Agradeço ao meu esposo Eriton e à minha filha Emilly, pela paciência de ambos durante esses quatro anos, por me ajudarem e por respeitarem os momentos em que precisei me dedicar exclusivamente para esse trabalho. Não posso deixar de citar minha querida irmã Gigliane pelo apoio e incentivo que me deu.

A todos os meus familiares que me apoiaram, incentivaram e, porque não dizer, ajudaram-me, pois em muitos momentos contei com sua ajuda enquanto estava nas aulas.

Não poderia deixar de agradecer aos meus parceiros de trabalho, a diretora Maria e o Professor James, por compreenderem minhas ausências e me apoiarem durante esses últimos anos acadêmicos.

Não tenho palavras para agradecer o tempo, a paciência e o carinho que meus queridos orientadores professor Israel e professor Alexandre dedicaram de todo bom grado, promovendo encontros agradáveis, fornecendo seus conhecimentos e sabedoria de maneira tão natural, que marcaram a minha vida acadêmica. Vocês são meus exemplos como professores!

Agradeço a todos os professores, dos quais não citarei nomes, pois foram muitos, alguns tiveram uma breve passagem, outros nos acompanharam desde o início da nossa vida acadêmica, mas todos trouxeram uma grande contribuição para nosso conhecimento. Porém não deixarei de citar a professora Rosane, pela paciência em fornecer todas as orientações necessárias para que esse trabalho acontecesse.

Às minhas amigas e colegas! Traçamos esse caminho juntas, sofremos juntas, incentivamos umas às outras a não desistir e ajudamos quando necessário. Levarei cada uma de vocês no meu coração.

Meu terno carinho e agradecimento a todos vocês!

RESUMO

As línguas de sinais vêm despertando o interesse nos linguistas e não se pode negar que possuem um campo imenso de estudos que ainda precisa ser desenvolvido. Um campo da linguística que ainda precisa ser muito explorado é a variação linguística, um fenômeno que acontece em todas as línguas e não é diferente nas línguas de sinais. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi apresentar um estudo da variação linguística na Língua Brasileira de Sinais. Para alcançar esse objetivo, inicialmente será chamada a atenção para a Libras e suas características linguísticas, entre elas apresentar-se-á a sociolinguística, explicando o que é variação linguística e fonológica, trazendo o foco para variação nas línguas de sinais, e, por fim, analisar-se-á o objeto deste estudo: os sinais de cores realizados em cada região brasileira, expondo os processos fonológicos, descrevendo as variações com base nos parâmetros da Libras. Para isso, escolhemos doze cores que destacam essa variação fonológica. Os dados foram coletados de vídeos do You tube, da região Centro Oeste será analisado o vídeo do CAS de Mato Grosso do Sul, da região Nordeste será analisado o vídeo do CAS do Maranhão, da região Norte será analisado o vídeo Trabalhando com Surdos de Rio Branco, da região Sudeste o vídeo do INES do Rio de Janeiro, da região Sul será analisado o vídeo no canal Curso de Libras do Rio grande do Sul. Esta pesquisa apresentou uma comparação de sinais, utilizando uma metodologia de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e descritiva, consistindo assim em uma pesquisa documental. Para tanto, está fundamentada nos autores Diniz (2011), Gesser (2009), Quadros (2019), Nascimento (2009) e outros que tratam das línguas de sinais e da cultura surda, e também nos autores Bagno (2009), Labov (2008), Tarallo (1997), Vargas (2017), Castro Junior (2011) e Xavier e Barbosa (2014), que tratam da sociolinguística e variação linguística nas línguas naturais, ou seja, línguas orais e língua de sinais. Os resultados dos estudos mostraram como a variação fonológica aconteceu nas capitais, podendo-se destacar que as variações na cor AMAREL@ quanto ao movimento e à configuração de Mão. Na cor AZUL a variação acontece quanto à orientação e à configuração de Mão. Na cor BEGE pôde-se observar variação na configuração de mão e no movimento. Na cor BRANC@ foi possível observar três diferentes configurações de mão. Na cor CINZA foi possível observar dois tipos de ponto de articulação. Na cor LARANJA observam-se três realizações no movimento. Na cor MARROM aconteceu variação na configuração de mão e variação no movimento. Na cor PRET@ as variações aconteceram na configuração de mão e no movimento. Na cor VERDE foi possível observar a variação na configuração de mão. Na cor VERMELH@ a variação aparece na configuração de mão e no ponto de articulação. Concluída a análise dos dados, pode-se afirmar que a Libras, como qualquer língua natural, está sujeita ao fenômeno da variação.

Palavras-Chave: Língua Brasileira de Sinais. Variação Fonológica. Cores.

ABSTRACT

Sign languages have been arousing interest in linguists and it cannot be denied that they have a huge field of study that still needs to be developed. One field of linguistics that still needs to be explored is linguistic variation, a phenomenon that happens in all languages and is no different in sign languages. Thus, the aim of this paper was to present a study of linguistic variation in the Brazilian Sign Language. In order to achieve this goal, attention will first be drawn to Libras and its linguistic characteristics, among which sociolinguistics will be presented, explaining what is linguistic and phonological variation, bringing the focus to variation in sign languages, and, for example, Finally, the object of this study will be analyzed: the color signals performed in each Brazilian region, exposing the phonological processes, describing the variations based on the Libras parameters. For this, we chose twelve colors that highlight this phonological variation. The data were collected from videos from YouTube, from the Midwest region will be analyzed the CAS video from Mato Grosso do Sul, from the Northeast region will be analyzed the video from the CAS from Maranhão, from the North region will be analyzed the video Working with Deaf from Rio Branco, from the Southeast region INES video from Rio de Janeiro, from the South region will be analyzed the video on the course Course of Pounds of Rio Grande do Sul. This research presented a comparison of signals, using a qualitative approach methodology, applied in nature. and descriptive, thus consisting of a documentary research. To this end, it is based on the authors Diniz (2011), Gesser (2009), Quadros (2019), Nascimento (2009) and others who deal with sign languages and deaf culture, and also authors Bagno (2009), Labov (2008), Tarallo (1997), Vargas (2017), Castro Junior (2011) and Xavier and Barbosa (2014), who deal with sociolinguistics and linguistic variation in natural languages, ie oral and sign languages. The results of the studies showed how the phonological variation happened in the state capitals. It can be highlighted that the variations in the YELLOW color regarding the movement and the Hand configuration. In the BLUE color the variation happens regarding the orientation and the Hand configuration. BEIGE it was possible to observe variation in hand configuration and movement. In WHITE @ color it was possible to observe three different hand configurations. In GRAY it was possible to observe two types of pivot point. In ORANGE color three achievements in movement are observed. In BROWN there was variation in hand configuration and variation in movement. In PRET @ color variations occurred in hand configuration and movement. In GREEN it was possible to observe the variation in the hand configuration. In RED color the variation appears in the hand configuration and pivot point. After data analysis, it can be stated that Libras, like any natural language, is subject to the phenomenon of variation

Keywords: Brazilian Sign Language. Phonological variation. Colors.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Sinal de ÁRVORE em Libras e sinal de ÁRVORE em LSC	17
Figura 2	- Articulador Configuração de mão	21
Figura 3	- Sinal em Libras (número 5)	21
Figura 4	- Apresentação dos pontos de Locação em Libras	22
Figura 5	- Sinal em Libras (conseguir)	22
Figura 6	- Locação articulada juntamente com a configuração de mão ...	23
Figura 7	- Sinal em Libras (CONHECER-NÃO) apresentando expressão não manual	24
Figura 8	- Mudança de sinal quanto à Configuração de mão	24
Figura 9	- Mudança de sinal quanto à Locação	25
Figura 10	- Sinal em Libras (BRINCAR e NAMORAR) com as duas mãos	25
Figura 11	- Sinal em Libras (ERRAR) apresentando a mão passiva (base)	26
Figura 12	- Aparelho fonador das línguas orais	27
Figura 13	- Aparelho articulatório das Línguas de Sinais	27
Figura 14	- Sinal em Libras (IGREJA) apresentando morfologia derivacional	28
Figura 15	- Sinal em Libras que apresentam derivação a partir do morfema “DOIS”	29
Figura 16	- Sinal em Libras (GOSTAR e GOSTAR-NÃO) - funcionamento do sufixo	30
Figura 17	- Sinal em Libras (ENTENDER-NADA)	30
Figura 18	- Sinal em Libras (ESCREVER e ESCREVER+++) apresentando incorporação de sinal através da intensidade ...	31
Figura 19	- Sinal em Libras (CASA e VIZINHO) apresentando a incorporação de sinal através da derivação do sinal primitivo	32
Figura 20	- Sinal em Libras apresentando a incorporação de sinal	32
Figura 21	- Exemplo de frase SVO em Libras	33
Figura 22	- Exemplo de frase SOV em Libras	33
Figura 23	- Exemplo de frase OSV em Libras	34
Figura 24	- Sinal em Libras do verbo com concordância (ENTREGAR)	35
Figura 25	- Sinal em Libras do verbo sem concordância (TRABALHAR) ...	35

Figura 26 - Norma Padrão / Norma Culta	41
Figura 27 - Monitoramento Estilístico	43
Figura 28 - Sinal em Libras (IRM@) I	46
Figura 29 - Sinal em Libras (IRM@) II	46
Figura 30 - Sinal em Libras (IRM@) III	47
Figura 31 - Sinal em Libras (AMAREL@ e GRÁTIS)	50
Figura 32 - Sinal em Libras (PESSOA) apresentando variação na CM	51
Figura 33 - Sinal em Libras (CANCELAR) apresentando variação na CM	52
Figura 34 - Sinal em Libras (FARMÁCIA) apresentando variação na CM	52
Figura 35 - Sinal em Libras (SOCIEDADE) apresentando variação na CM da mão passiva	53
Figura 36 - Sinal em Libras (ENTENDER) apresentando variação na Locação	54
Figura 37 - Sinal em Libras (ALÍVIO) apresentando variação na Locação	54
Figura 38 - Sinal em Libras (OITO) apresentando variação no Movimento	55
Figura 39 - Sinal em Libras (GORDO) apresentando variação no Movimento	55
Figura 40 - Sinal em Libras (ESTADOS UNIDOS) apresentando variação no Movimento da bochecha	56
Figura 41 - Sinal em Libras (ALT@) e suas variações	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	-	Referências dos vídeos: Sinal Cores	63
Quadro 2	-	Sinal Cor AMAREL@ - Realização 1	63
Quadro 3	-	Sinal Cor AMAREL@ - Realização 2	64
Quadro 4	-	Sinal Cor AMAREL@ - Realização 1	64
Quadro 5	-	Sinal Cor AMAREL@ - Realização 2	65
Quadro 6	-	Síntese de variação do sinal AMARELO	65
Quadro 7	-	Sinal Cor AZUL - Realização 1	66
Quadro 8	-	Sinal Cor AZUL - Realização 2	66
Quadro 9	-	Sinal Cor AZUL - Realização 1	67
Quadro 10	-	Sinal Cor AZUL - Realização 2	67
Quadro 11	-	Sinal Cor AZUL - Realização 1	68
Quadro 12	-	Sinal Cor AZUL - Realização 2	69
Quadro 13	-	Síntese de variação do sinal AZUL	69
Quadro 14	-	Sinal Cor BEGE - Realização 1	70
Quadro 15	-	Sinal Cor BEGE - Realização 2	70
Quadro 16	-	Sinal Cor BEGE - Realização 1	71
Quadro 17	-	Sinal Cor BEGE - Realização 2	71
Quadro 18	-	Sinal Cor BEGE - Realização 1	72
Quadro 19	-	Sinal Cor BEGE - Realização 2	72
Quadro 20	-	Síntese de variação do sinal BEGE	73
Quadro 21	-	Sinal Cor BRANCO - Realização 1	74
Quadro 22	-	Sinal Cor BRANCO - Realização 2	74
Quadro 23	-	Sinal Cor BRANCO - Realização 3	74
Quadro 24	-	Síntese de variação do sinal BRANCO	75
Quadro 25	-	Sinal Cor CINZA - Realização 1	76
Quadro 26	-	Sinal Cor CINZA - Realização 2	76
Quadro 27	-	Síntese de variação do sinal CINZA	77
Quadro 28	-	Sinal Cor LARANJA - Realização 1	77
Quadro 29	-	Sinal Cor LARANJA - Realização 2	78
Quadro 30	-	Sinal Cor LARANJA - Realização 3	78
Quadro 31	-	Síntese de variação do sinal LARANJA	79

Quadro 32	- Sinal Cor MARROM - Realização 1	79
Quadro 33	- Sinal Cor MARROM - Realização 1	80
Quadro 34	- Sinal Cor MARROM - Realização 2	80
Quadro 35	- Sinal Cor MARROM - Realização 1	81
Quadro 36	- Síntese de variação do sinal MARROM	81
Quadro 37	- Sinal Cor PRETO - Realização 1	82
Quadro 38	- Sinal Cor PRETO - Realização 2	83
Quadro 39	- Sinal Cor PRETO - Realização 3	83
Quadro 40	- Sinal Cor PRETO - Realização 1	84
Quadro 41	- Sinal Cor PRETO - Realização 1	84
Quadro 42	- Sinal Cor PRETO - Realização 2	85
Quadro 43	- Sinal Cor PRETO - Realização 1	85
Quadro 44	- Sinal Cor PRETO - Realização 2	86
Quadro 45	- Síntese de variação do sinal PRETO	86
Quadro 46	- Sinal Cor ROSA - Léxico 1	87
Quadro 47	- Sinal Cor ROSA - Léxico 2	88
Quadro 48	- Síntese lexical do sinal ROSA	88
Quadro 49	- Sinal Cor ROXO – Léxico	89
Quadro 50	- Síntese lexical do sinal ROXO	89
Quadro 51	- Sinal Cor VERDE - Realização 1	90
Quadro 52	- Sinal Cor VERDE - Realização 2	90
Quadro 53	- Síntese de variação do sinal VERDE	91
Quadro 54	- Sinal Cor VERMELHO - Realização 1	92
Quadro 55	- Sinal Cor VERMELHO - Realização 1	92
Quadro 56	- Sinal Cor VERMELHO - Realização 1	93
Quadro 57	- Sinal Cor VERMELHO - Realização 2	93
Quadro 58	- Síntese de variação do sinal VERMELHO	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ASPECTOS LINGUÍSTICOS E SOCIAIS DAS LINGUAS DE SINAIS.....	14
2.1	FONÉTICA E FONOLOGIA.....	18
2.1.1	Configuração de mão.....	20
2.1.2	Ponto de articulação e locação.....	21
2.1.3	Movimento.....	22
2.1.4	Orientação de mão.....	23
2.1.5	Expressões não-manuais.....	23
2.1.6	Sinais com duas mãos.....	25
2.2	MORFOLOGIA.....	27
2.3	SINTAXE.....	32
2.4	SOCIOLINGUÍSTICA.....	36
3	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS LÍNGUAS ORAIS E NAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	39
3.1	VARIAÇÃO LINGUISTICA NAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	44
3.2	VARIAÇÃO FONOLÓGICA NAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	49
4	METODOLOGIA.....	59
4.1	CARACTERÍSTICA DOS VÍDEOS.....	61
4.2	APRESENTAÇÃO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	62
4.3	DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DOS SINAIS DAS CORES.....	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
	REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

As línguas de sinais são línguas de tamanha beleza e expressão, mas por muito tempo foram ignoradas por uma grande maioria que insistiu em chamá-las de gestos ou mímicas. Foi somente com os estudos linguísticos de Willian Stokoe, em meados do século XX, sobre a ASL – Língua de Sinais Americana, que foram reconhecidos os aspectos linguísticos das línguas de sinais. Dessa forma pode-se afirmar que os estudos a respeito dessas línguas são recentes e são muitas as possibilidades de pesquisas sobre elas.

Este trabalho está baseado na linguística e tem como tema a variação fonológica do léxico do campo semântico das “cores” em Libras numa perspectiva diatópica. Descrever-se-á assim a variação fonológica do léxico em cinco capitais representativas, respectivamente, das cinco regiões do Brasil. Dessa forma, ir-se-á discutir os conceitos de variação linguística, situando a variação fonológica; descrever os fenômenos de variação linguística em Libras; apresentar os sinais relacionados ao campo semântico cores retirados dos vídeos selecionados; verificar em quais capitais os sinais apresentam variação; verificar os tipos de variação na estrutura do sinal a partir dos parâmetros ou variação total do sinal e descrever cada sinal selecionado.

O tema sobre variação surgiu ao se observar colegas do curso de Letras Libras e alunos dos cursos de Libras argumentarem sobre as dificuldades de aprender a língua. O maior obstáculo por eles encontrado seria causado pelos diferentes sinais que são usados em outros estados, apresentados em vídeos ou aplicativos, e as constantes correções que recebem dos surdos, ao fazerem um sinal que não é usado no Acre. Essas discussões despertaram curiosidade sobre a variação linguística na Libras. Se existe variação linguística nas línguas orais, por que não existiria nas línguas de sinais? Por que é tão difícil aceitar as variações linguísticas e mais fácil rotulá-las como erro? Como acontece a variação linguística na Libras?

Quadros (2019) lembra que essa diferença que a variação linguística produz, embeleza a língua, pois apresenta as diferenças da identidade, do modo de agir e pensar, de produzir, de construir suas constituições e de “librar”.

Como já citado, os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais são recentes, e muito ainda precisa ser feito, principalmente no que se refere à variação. Segundo Xavier e Barbosa (2014), com exceção de uma análise preliminar feita por ele mesmo em 2011, não existem estudos que investiguem mais profundamente a

variação na pronúncia dos sinais da Libras. Castro Junior (2011) destaca a falta de estudos das variações linguísticas na Libras. Por essa razão, faz-se necessária a presente pesquisa, como uma maneira de contribuir para a descrição da Libras, tendo em vista os fatores fonológicos e sociolinguísticos em que se localiza a variação; e ampliar o reconhecimento do fenômeno da variação em Libras, especificamente no âmbito fonológico; somar a outros estudos que colocam em evidência fatos linguísticos aplicados à Língua Brasileira de Sinais, especialmente quanto ao fenômeno da variação.

Esta pesquisa está fundamentada nos estudos de Gesser (2009), que explica que, apesar de a Libras ser considerada por lei como língua, ainda existe um total desconhecimento sobre ela, e apresenta respostas para muitos mitos que ainda precisam ser eliminados a seu respeito; Quadros (1997, 2004, 2019), que apresenta a Libras no aspecto linguístico, com o objetivo de fornecer conhecimentos aprofundados sobre a estrutura linguística da Libras; Diniz (2011), que destaca a história das línguas de sinais, mas apresenta também os aspectos fonológicos e lexicais da Libras; Labov (2008) e Preti (1994), que destacam os aspectos sociolinguísticos das línguas orais, analisando o poder que a língua exerce sobre a sociedade; Tarallo (1997) e Bagno (2009), que lembram que as línguas naturais não são estáticas, elas possuem variantes que devem ser consideradas; Vargas (2017), Castro Junior (2011) e Xavier e Barbosa (2014), que discutem as variações linguísticas na Libras abordando questões como variação com base no léxico, variação padrão e não padrão e uma análise de como acontecem essas variações.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo faz-se uma análise das línguas de sinais como línguas naturais espaço-visuais, que possuem uma estrutura linguística tal como: fonética, fonologia, morfologia e sintaxe, apresentando conceitos e ilustrações que comprovem esses aspectos linguísticos.

No segundo capítulo analisam-se os aspectos sociolinguísticos, apresentando a ideia de língua padrão. Destaca-se o que é variação, os tipos de variações existentes, lembrando os fatores que contribuem para que aconteçam e mostrando como acontece a variação na Libras, principalmente no que se refere ao foco da pesquisa: a variação fonológica.

No terceiro capítulo apresenta-se a metodologia usada para analisar a variação fonológica na Libras na perspectiva diatópica do campo semântico “cores”.

Os dados foram coletados de vídeos do *YouTube*. Foram cinco vídeos representando as cinco regiões do Brasil, trazendo sinalizadores surdos e ouvintes professores de Libras. Identificaram-se nesses vídeos os aspectos estruturais dos sinais, apresentando uma comparação dos sinais a partir das diferentes regiões do Brasil. Por fim, apresentaram-se os resultados com base nas descobertas.

2 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E SOCIAIS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

O presente capítulo visa apresentar argumentações linguísticas que comprovam a legitimidade das línguas de sinais como línguas naturais, que possuem características próprias de uma língua, como exemplo podem ser citadas a Língua Americana de Sinais (ASL), a Língua Francesa de Sinais (LFS), a Língua Gestual Portuguesa (LGP), a Língua Angolana de Sinais (LAS) e muitas outras. No entanto, apesar de todas apresentarem características linguísticas, o foco desse estudo será concentrado na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Estudiosos dessas línguas lembram que, diferentes das línguas orais que se estabelecem por canais oral-auditivos, as línguas de sinais têm como característica principal ser de modalidade espaço-visual (QUADROS, 1997, p. 46). Concordando com este pensamento, outros estudiosos, tal como Diniz (2011), Faria (2006), Gesser (2009) e Castro Junior (2011) também, descrevem a Libras como língua gramatical e com características específicas. Não somente estudiosos da linguística devem ver a Libras como língua, a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a Libras como uma língua, relembrando sua característica espaço-visual e possuindo estrutura gramatical própria:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua brasileira de sinais – LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados”. Parágrafo único. Entende-se como Língua brasileira de sinais – LIBRAS a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundo de comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

São muitos os esforços de tornar conhecida a Libras como língua e não apenas como linguagem. Apesar de todos esses esforços, muitos ainda não a reconhecem como tal. Estudiosos como Gesser (2009), Quadros (1997), Quadros e Karnopp (2004), Diniz (2011) apresentaram algumas concepções e mitos que impedem um olhar para a Libras como língua.

Assim como Gesser (2009, p.9), é de se espantar quando muitos demonstram insciência quanto à Libras. Repetidamente, é necessário corrigir uma expressão que se ouve em muitas falas: “Linguagem de sinais”. Não! A Libras não é uma linguagem, ela é uma língua! Também é preciso esclarecer dúvidas referentes a essa língua, que

para alguns estão esclarecidas, mas que para muitos levam às questões que podem gerar ceticismos e negações.

Para sanar esses pensamentos, é necessário comprovar que a Libras é uma língua e, para alcançar esse resultado, será necessário fazer uso dos princípios universais que regem todas as línguas, é necessário apresentar a linguística.

A língua de sinais não é uma língua artificial, conforme destaca Gesser (2009): “[...] consideram-se “artificiais” as línguas construídas e estabelecidas por um grupo de indivíduos com algum propósito específico.” (GESSER, 2009, p. 12). Pode-se assim entender que as línguas artificiais são línguas inventadas, construídas e planejadas. Com essa explicação em mente, o que pode ser usado para defender as línguas de sinais como línguas naturais? Quadros (1997) explica que as línguas de sinais surgiram da necessidade humana de usarem um sistema linguístico para expressão de pensamentos, sentimentos e ações.

[...] As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas, são línguas que não derivaram das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística (QUADROS, 1997, p. 47).

Automaticamente se derruba um segundo mito muito comum. A naturalidade das línguas de sinais não permite que elas sejam uma língua universal. Como citado, em muitos países é possível encontrar a língua de sinais, como bem lembrado por Gesser (2009). “Em qualquer lugar em que haja surdos interagindo, haverá língua de sinais.” (GESSER, 2009, p. 12). Gesser (2009, p.12) ressalta ainda que as línguas de sinais não podem ser consideradas uma língua universal, visto que não são utilizados os mesmos sinais por todos os surdos de todas as sociedades de maneira uniforme e sem influência de uso. Conforme lembrado por Quadros e Karnopp (2004, p. 33), cada país apresenta sua respectiva língua de sinais, dessa forma estudos referente à universalidade da língua comprovaram que muitos usuários da língua de sinais de um país não compreendiam os sinais de outros países, além do mais, uma comparação dos sinais existentes em um país demonstrou que eles possuíam significados diferentes em outro. Segundo Diniz (2011), “[...] este falso conceito acontece possivelmente porque as pessoas enxergam as línguas de sinais, como é o caso da Libras, como um conjunto de gestos e mímicas, isto é, uma forma de uma linguagem corporal e universal.” (DINIZ, 2011, p. 32).

Por ser uma língua espaço-visual, nas línguas de sinais, para se estabelecer a comunicação, o principal instrumento utilizado são as mãos. Dessa forma, muitos veem as línguas de sinais como gestos ou mímicas. Para relatar a diferença entre mímicas e gestos e a língua de sinais, Gesser (2009, p. 21), Quadros e Karnopp (2004, p. 33) relembrou estudos que comprovam que as línguas de sinais não apresentam apenas símbolos icônicos para representação de seus referentes. Nesses estudos, foi constatado que, quando se pedia que ouvintes e não sinalizadores fizessem mímicas ou gestos para representar determinado objeto, apresentavam-se muitas possibilidades de representação para ele, ou seja, eram observadas as pantomimas. No entanto, usuários da língua de sinais apresentavam somente uma variedade, o sinal que representava o objeto. Apresentando a conclusão para esses estudos, Gesser (2009) explica: “[...] A pantomima quer que você veja o “objeto”, enquanto o sinal quer que você veja o **símbolo** convencionado para esse objeto” (GESSER, 2009, p. 21). Quanto ao uso de gestos, Diniz (2011, p. 32) cita Wilcox (2004), quando diz que o uso de gestos nas línguas de sinais faz com que eles sofram um processo de gramaticalização que, além de modificar a forma, modifica também o sentido desses gestos desenvolvendo categorias gramaticais abstratas.

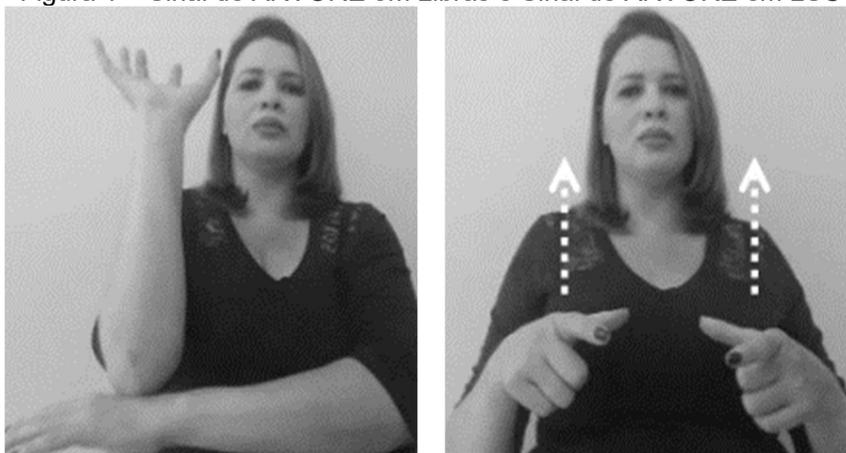
Esse mito citado faz com que se considere outro mito, que está no fato de muitos acreditarem que as línguas de sinais são línguas limitadas. Por essa razão, para muitos não é possível, por meio delas, expressar ideias e conceitos abstratos. Mais uma vez faz necessário valer-se das palavras de Gesser (2009), que explica claramente:

[...] Devemos entender que sinais não são gestos. [...] as pessoas que falam línguas de sinais expressam sentimentos, emoções e qualquer ideias ou conceitos abstratos. Tal como os falantes de línguas orais, os falantes de línguas de sinais podem discutir filosofia, política, literatura, assuntos cotidianos etc. nessa língua, além de transitar por diversos gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, peças teatrais, contar e inventar histórias e piadas, por exemplo (GESSER, 2009, p. 23).

Então pode-se destacar, também, que as línguas de sinais não são totalmente icônicas. Ao analisar esse ponto, é possível lembrar várias situações em que, ao aprender um sinal, muitos levantam questões tais como: “Por que esse sinal é feito assim? Este sinal não tem nada a ver com esse objeto!” Gesser (2009) lembra que querer que os sinais pareçam com os objetos que representam, é desejar que as línguas de sinais sejam somente uma representação pantomímica (GESSER, 2009,

p. 23). Reconhece-se que as línguas de sinais fazem uso da iconicidade, ou seja, fazem uma relação de semelhança entre a forma e seu significado. No entanto, tanto Gesser (2009) como Quadros e Karnopp (2004) e Diniz (2011) lembram que a iconicidade não é algo exclusivo das línguas de sinais, isso também acontece nas línguas orais, como por exemplo o uso de onomatopeias. Não se pode esquecer que a tensão entre arbitrariedade e iconicidade na língua, independentemente de qual seja, vai depender da conversão social (DINIZ, 2011, p. 33). O uso de um sinal é resultado de um acordo implícito entre os sinalizantes de uma comunidade, por isso o uso desse sinal varia em cada país. Um sinal que é usado na Libras para representação de um objeto que é considerado sinal icônico, em outro país passa a ter um significado diferente para sinal e será arbitrário.

Figura 1 – Sinal de ÁRVORE em Libras e Sinal de ÁRVORE em LSC



Fonte: Soares (2016)

Mas e quanto à gramática? As línguas de sinais possuem uma gramática? Ou é somente uma representação manual das línguas orais?

As línguas de sinais são completamente independentes de qualquer outra língua oral. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 34) esclarecem, provavelmente esse pensamento veio surgir por meio da visão da soletração manual (datilologia), que vem a ser uma representação de letra por letra enunciadas na língua falada. Dessa forma, Quadros e Karnopp explicam:

A soletração manual não é uma língua distinta, mas um simples código baseado nas línguas orais, e nenhuma comunidade linguística utiliza exclusivamente tal código para comunicar-se. Os surdos a utilizam somente em situações específicas, quando necessário (QUADROS, KARNOPP; 2004, p.34).

Pensar nas línguas de sinais como dependentes das línguas orais, seria o mesmo que dizer que as línguas de sinais não possuem uma estrutura gramatical. Por essa razão, afirma-se que as línguas de sinais possuem características linguísticas e organização gramatical. Essa estrutura gramatical será apresentada no presente trabalho a partir deste momento.

Assim como ocorre nas línguas orais, a Libras possui aspectos pertencentes às áreas da linguística. Castro Junior (2011, p. 41) lembra que as descobertas de Stokoe apontam que as línguas de sinais apresentam princípios de organização estrutural semelhantes às línguas orais, dessa forma poderiam ser analisados em elementos menores.

A partir deste momento apresenta-se brevemente cada um desses aspectos, fazendo um paralelo entre como essa estrutura se apresenta nas línguas orais-auditivas e nas línguas espaço-visuais.

2.1 FONÉTICA E FONOLOGIA

Ao se ouvir as palavras fonética e fonologia, imediatamente é remetido à ideia de sons. Isso acontece porque, segundo nos lembram Callou e Leite (1999), fonética é a ciência que estuda os sons e tem como objetivo descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas. “[...] A fonologia estuda as diferenças fônicas intencionais e distintivas, ou seja, ela trata das diferenças de significados e como acontecem as combinações para a formação de fonemas, palavras e frases” (CALLOU, LEITE; 1999, p.11).

Dessa forma, a unidade de estudo da fonética é o som da fala, tratando dos mecanismos humanos utilizados para a formação dos sons produzidos por meio da fala. Quadros e Karnopp (2004, p. 17) destacam que, de acordo como esses sons são produzidos, é que se pode classificá-los como sonoros ou surdos, orais ou nasais, consoantes, glides ou vogais, e, também, se pode caracterizar os sons das consoantes e das vogais.

A fonologia interpreta os sons produzidos pela fonética no momento da fala. Dessa forma, segundo Netto (2011, p. 14), a fonologia nas línguas orais apresenta como o objeto de estudo,

[...] a produção sonora vocal, isto é, ruídos vocais significativos, que podem agrupar-se com outros ruídos vocais igualmente significativos e, conseqüentemente, formar unidades significativas maiores. Sendo assim, na fonologia, os sons que são produzidos, mais conhecidos como fonemas, organizam-se e se combinam, formando unidades linguísticas maiores.” (NETTO, 2011, p. 14).

Pode-se destacar, então, que a fonologia vai bem mais além do que estudar o sistema de sons, ela trata da descrição, estrutura e funcionamento, analisando a forma da sílaba, morfemas, palavras, frases (HERNANDORENA, 2005, p. 15). Refere-se à construção que se forma entre a mente e língua.

Se a fonética e a fonologia estão relacionadas com a produção e os significados dos sons, isso remete imediatamente às línguas orais. Então, como elas podem estar presentes nas línguas de sinais, que são línguas espaço-visuais, ou seja, não utilizam sons?

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 47), na língua de sinais a informação linguística é recebida pelos olhos e produzidas pelas mãos, no entanto isso não significa que esses aspectos da linguística não estejam inseridos nas línguas de sinais. Os aspectos linguísticos nas línguas de sinais apresentam-se de maneira diferenciada, como acontece na fonologia. Albuquerque e Faria (2018, p. 236) destacam que na língua de sinais o termo fonologia sofre modificações. O uso do termo “fonológico” sofreu um processo de transição por se tratar de uma língua espaço-visual, em que as mãos são usadas para articular os sinais. Em 1960, Stokoe adotou os termos “quirema” e “quirolgia” em vez de fonema. Tais palavras são derivadas do grego *quiro*, que significa “mão”. Mas, posteriormente, em 1978, o autor retomou os termos fonema e fonologia aplicando seus significados à linguística visual-espacial (ALBUQUERQUE, FARIA, 2018, p. 236). Isso mostra que a língua de sinais compartilha princípios linguísticos semelhantes aos das línguas orais, o que muda são as diferenças de modalidade. Compreende-se, assim, que os articuladores do estudo da fonologia na Libras não são os sons, mas as mãos e o próprio corpo. Nesse caso, pode ser utilizada uma ou as duas mãos.

Quadros e Karnopp (2004, p. 48) destacam que a fonologia da Libras estuda os parâmetros com um olhar nos elementos que compõem um sistema linguístico específico, estudando as diferenças quiromáticas intencionais e distintivas. São essas

diferenças que promovem uma significação, relacionando entre si elementos de diferenciação e condições de combinação próprias na formação de morfemas.

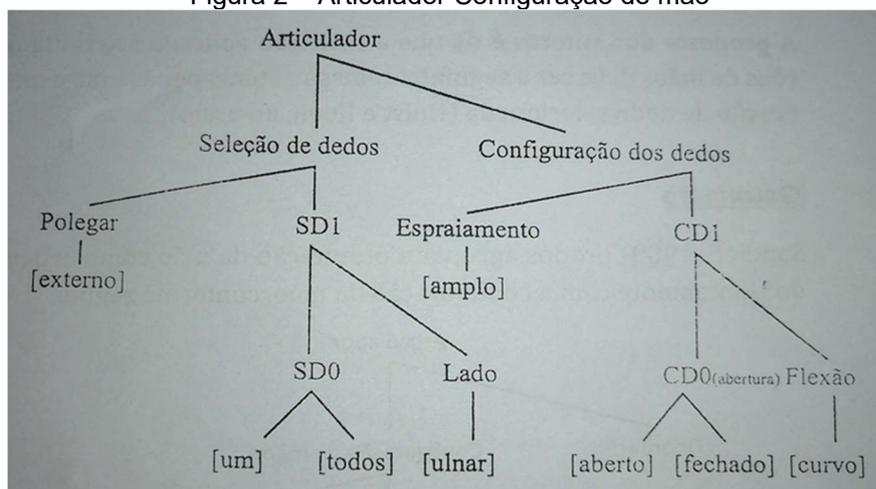
São cinco os parâmetros estudados pela fonologia. Segundo Diniz (2011, p. 36), os primeiros parâmetros foram pesquisados pelo linguista norte-americano William Stokoe, que apresentou os três primeiros parâmetros: configuração manual, locação e movimento. No caso dos parâmetros orientação e expressões não manuais, segundo Quadros (2019, p. 52), eles foram pesquisados posteriormente por Battison (1978) e Sandler (1989). Dessa forma os cinco parâmetros que constituem a Língua de Sinais são: Configuração de mão; Ponto de articulação; Movimento; Orientação de mão; e, por fim, Expressões não manuais, parâmetros que podem ser chamados também de expressões faciais e corporais. Será feita, então, uma apresentação de cada um desses parâmetros.

2.1.1 Configuração de Mão

Configuração de mão é o formato da mão na realização de um determinado sinal. O primeiro registro das configurações de mão foi apresentado por Felipe (2008, p. 28), e havia um total de 64 configurações manuais. Em 2011 surgiu um novo registro de sinais com 75 configurações manuais, apresentado em uma dissertação de mestrado do professor Anderson Simão Duarte (2011, p.19). Um último registro foi apresentado pelos pesquisadores Madson e Raquel Barreto (2015, p. 390), numa tabela contendo 111 configurações manuais. Em vista disso, Castro Junior (2011, p. 68) relaciona as configurações de mão à fonética da língua de sinais.

Quadros (2019, p. 51) ressalta a importância da seleção de dedos para a identificação das configurações de mão, juntamente com as especificações Aberto e Fechado e a especificação curvo.

Figura 2 – Articulador Configuração de mão



Fonte: Quadros (2019, p. 51)

Para ilustrar, a autora apresenta o exemplo para o sinal de cinco: a configuração de mão é 32, sinal formado pelo uso dos cinco dedos (+aberto, -curva, +amplitude).

Figura 3 – Sinal em Libras (número 5)



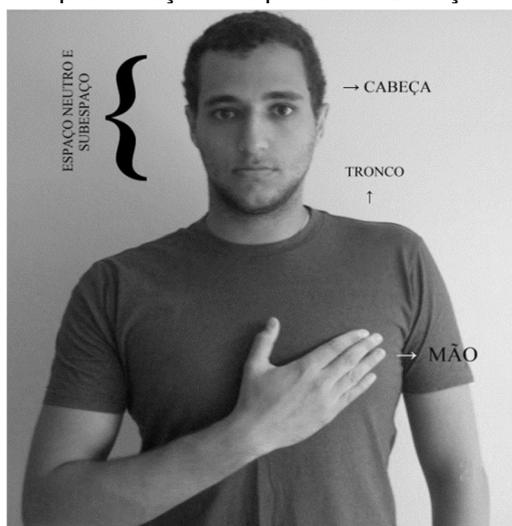
Fonte: Xavier e Neves (2016, p.132)

2.1.2 Ponto de Articulação ou Locação

Ponto de articulação ou locação é o ponto do corpo ou do espaço onde a mão toca no momento da realização do sinal. Segundo Barreto e Barreto (2015, p. 399), existem 35 pontos em que as mãos podem tocar no momento da apresentação dos sinais.

Quadros (2019, p. 52) lembra que os pontos de articulação ou locação são os espaços dentro dos quais as mãos se movem. Os principais espaços são corpo, mão, braço, cabeça, pescoço e espaço neutro. No exemplo CASA, a locação será no espaço Neutro.

Figura 4 – Apresentação dos pontos de Locação em Libras

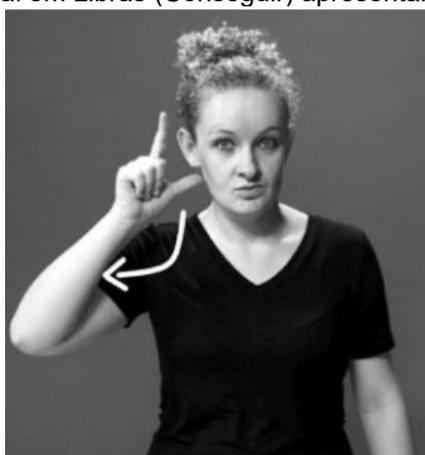


Fonte: Castro Junior (2011, p. 34)

2.1.3 Movimento

Como o próprio nome destaca, o parâmetro Movimento são os movimentos apresentados pelas mãos, dedos e punhos, no momento da realização de um sinal. Eles podem ser direcionais ou locais. Segundo Quadros (2019, p. 53), podem ser combinados ou aparecer independentes, é possível aplicar o traço, que pode ser repetido e alternado.

Figura 5 – Sinal em Libras (Conseguir) apresentando movimento

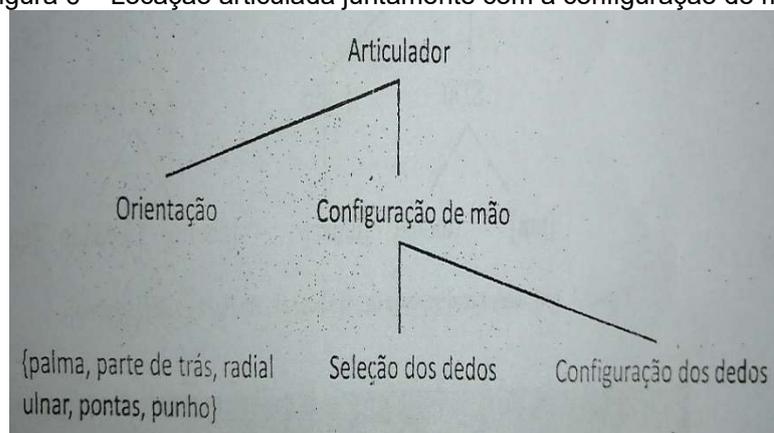


Fonte: Quadros (2019, p. 56)

2.1.4 Orientação de mão

Orientação de mão apresenta a direção da palma da mão no momento da apresentação de um sinal. Barreto e Barreto (2015, p. 389) apresentam um total de seis direções que podem ser expostas na formação de um sinal. Segundo Sandler (1989), citado por Quadros (2019 p. 52), a orientação é sempre acompanhada da configuração de mão.

Figura 6 – Locação articulada juntamente com a configuração de mão



Fonte: Quadros (2019, p. 52)

2.1.5 Expressões não manuais

Expressões não manuais são os movimentos apresentados pela face ou pelo corpo. Elas servem para apresentar acentuação a um sinal. Segundo Castro Junior (2011, p.35), as expressões não manuais podem acontecer com o movimento das bochechas, olhos, cabeça, sobrelhas, nariz, lábios e o tronco. Dessa forma Castro Junior (2011) ressalta que Stokoe [...] afirma sobre a importância das expressões faciais, que devem ser consideradas como parte dos sinais, já que possuem papel similar ao contorno de entonação das línguas orais (afirmação, negação, dúvida, questionamento, dentre outros) (CASTRO JUNIOR, 2011, p. 41).

Figura 7 – Sinal em Libras (CONHECER-NÃO) apresentando expressão não manual

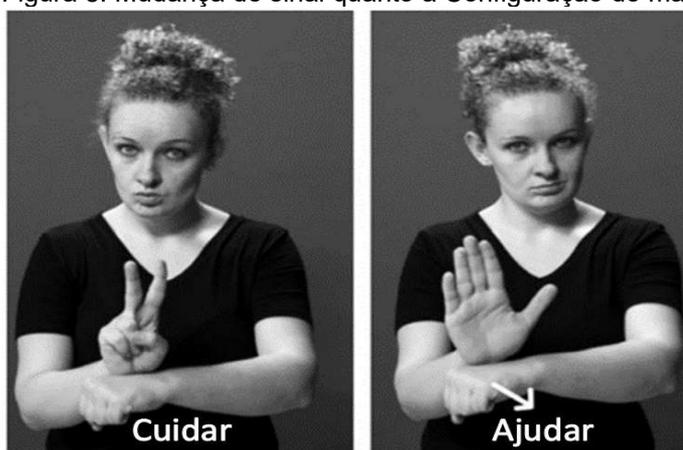


Fonte: Quadros (2009, p. 88)

Esses parâmetros são essenciais para a formação de um sinal, no entanto vale ressaltar que, na apresentação dos sinais, não necessariamente serão usados todos os parâmetros em todos os sinais. Em alguns sinais podem ser utilizados todos os cinco parâmetros, mas em outros sinais podem ser utilizados menos parâmetros.

Pode-se observar como funciona o processo fonológico na língua de sinais, quando se analisa como uma mudança em um único parâmetro pode alterar o significado de um sinal produzido.

Figura 8: Mudança de sinal quanto à Configuração de mão



Fonte: Quadros (2019, p. 60)

Figura 9: Mudança de sinal quanto à Locação



Fonte: Quadros (2019, p. 61)

Dessa forma, assim como nas línguas orais, a mudança de um elemento pode modificar o significado de uma palavra.

Mas, além dos parâmetros, não se pode esquecer que os sinais podem ser produzidos com uma ou com as duas mãos, por essa razão ela também faz parte dos aspectos fonéticos e fonológicos da Libras.

2.1.6 Sinais com duas mãos

Quadros (2019, p. 62), citando Battison (1978), apresenta condições que são impostas aos sinais produzidos com as duas mãos. A primeira delas foi a condição de simetria e os mesmos movimentos, que podem ser espelhados ou alternados.

Figura 10 – Sinal em Libras (BRINCAR e NAMORAR) feito com as duas mãos



Fonte: Quadros (2019, p. 62)

Uma outra condição é a dominância. Ou seja, uma mão apresenta dominância sobre a outra e, quando isso acontece, as configurações de mão podem ser diferentes. Para a mão que sofre a dominância, pode-se chamá-la de mão passiva.

Figura 11 – Sinal em Libras (ERRAR) apresentando a mão passiva (base).



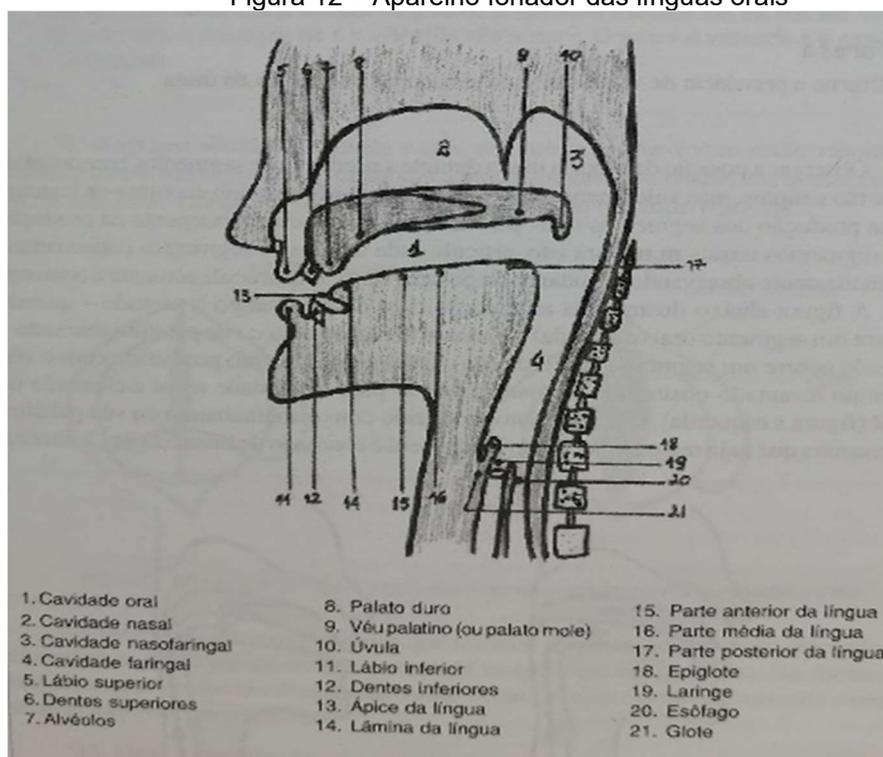
Fonte: Quadros (2019, p. 63)

Quadros e Karnopp (2004, p. 81) lembram que, assim como nas línguas orais, apesar de a fonética e a fonologia estarem relacionadas por terem o mesmo objeto de estudo, esse objeto é tomado de pontos de vista diferentes. Destacando que a principal preocupação da fonética é descrever as unidades mínimas dos sinais, ou seja, descrever as propriedades físicas, articulatórias e perceptivas de configuração e orientação de mão, movimento, locação, expressão corporal e facial.

No caso da fonologia, Quadros e Karnopp (2004, p. 81) lembram que seu objetivo é identificar a estrutura e a organização dos componentes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios, determinando quais são as unidades mínimas que formam os sinais. Mas, como citado anteriormente, a fonética e a fonologia estão ligadas uma à outra.

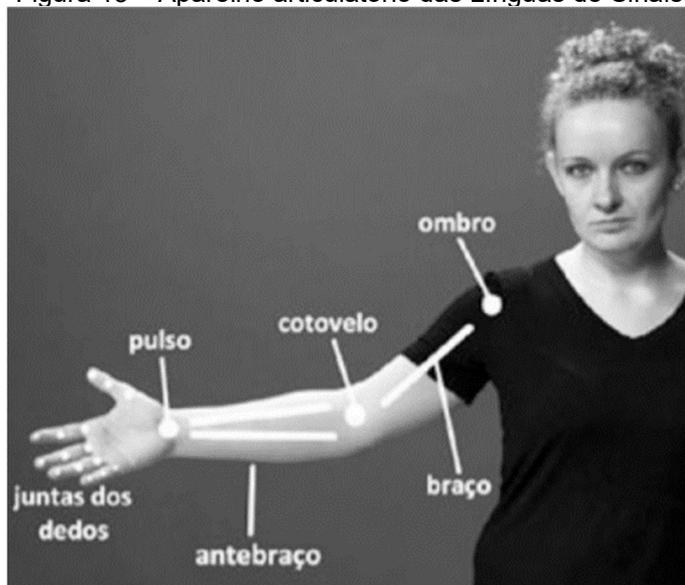
Não se pode deixar de apresentar uma comparação entre como acontece o funcionamento das línguas orais com o aparelho fonador e como isso acontece nas línguas de sinais.

Figura 12 – Aparelho fonador das línguas orais



Fonte: Silva (2005, p. 30)

Figura 13 – Aparelho articulatorio das Línguas de Sinais.



Fonte: Quadros (2019, p. 68)

2.2 MORFOLOGIA

A morfologia, conforme descrevem Quadros e Karnopp (2004, p.86), é o estudo da combinação entre os elementos que formam as palavras e as diversas

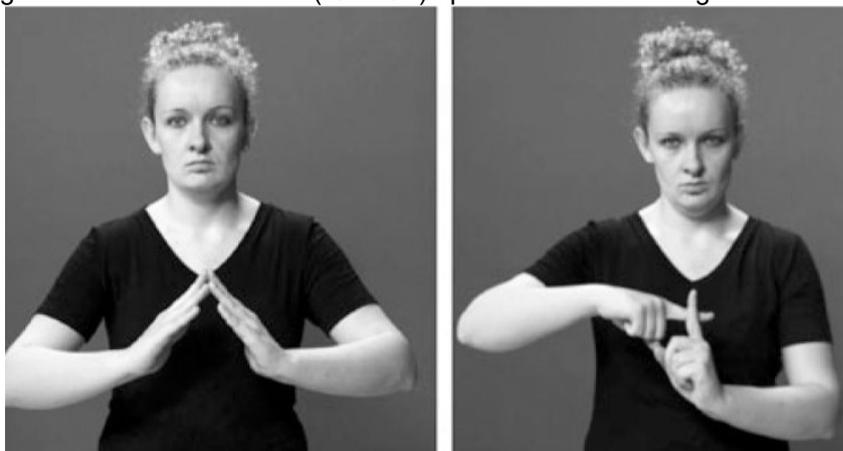
formas como essas palavras apresentam-se quanto a número, gênero, tempo e pessoa.

O objeto de estudo da morfologia são os morfemas. Descrevendo sobre a morfologia, Villalva (2008) explica:

No âmbito dos estudos linguísticos, a morfologia dedica-se apenas ao conhecimento de um tipo específico de formas, que são as palavras. Mas dizer que a morfologia se ocupa do conhecimento da forma das palavras é, simultaneamente, dizer pouco e dizer demais: há aspectos da forma das palavras, como a sua realização fonética, que competem, não à morfologia, mas sim à fonologia ou à prosódia. E, inversamente, também não se pode afirmar que a morfologia se ocupa apenas da forma das palavras, dado que a morfologia também trata das relações que se estabelecem entre a forma, a função e o significado das palavras (VILLALVA, 2008, p. 10).

Os morfemas, dessa forma, podem se combinar e formar outros morfemas ou palavras. Pode-se, assim, destacar que a morfologia possibilita o estudo da formação de palavras, que abrange a sufixação, a prefixação, a composição. Esses e outros são processos que habilitam a criação de novos significados a palavras já existentes. É a formação de novas palavras o objeto de estudo da morfologia, procurando conhecer e explicar esses processos que dão origem às palavras. Como exemplo, Quadros (2019, p. 74) cita que alguns exemplos de sinais tornaram-se morfemas quando perderam o movimento associado ao sinal para compor um novo sinal com outro morfema. Isso indica que cada morfema derivou-se de um sinal.

Figura 14 – Sinal em Libras (IGREJA) apresentando morfologia derivacional



Fonte: Quadros (2019, p. 73)

Diante dessa apresentação do morfema, surgem algumas questões. Como é possível sinais apresentarem sufixo, prefixo e composição? Onde se pode identificar os morfemas nas línguas de sinais?

Como citado, as línguas de sinais são línguas visual-espaciais, dessa forma elas possuem especificidades próprias, a principal é destacada por Faria (2006): a “[...] língua de sinais é riquíssima e altamente complexa, pois possibilita a realização sequencial e simultânea de constituintes “fonológicos” (FARIA, 2006, 195).

Figura 15 – Sinal em Libras que apresentam derivação a partir do morfema “DOIS”.

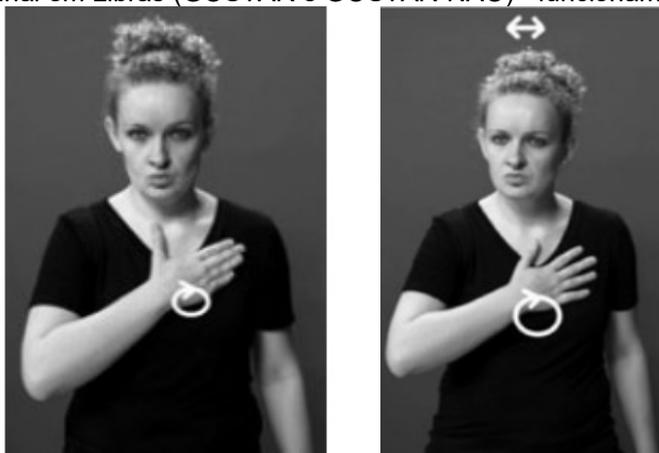


Fonte: Quadros (2019, p. 86)

Por ser “sequencial e simultânea”, deixa-se claro que os processos morfológicos estão incluídos na formação dos sinais. Conforme destacados por alguns autores como Quadros e Karnopp (2004), Xavier e Neves (2016), Felipe (2006), Castro Junior (2011) e outros, os morfemas apresentam-se nos parâmetros responsáveis pela formação dos sinais apresentados.

Pode-se exemplificar como isso acontece, para tanto Felipe (2006) apresentou um estudo explicando como funcionam o prefixo e o sufixo na língua de sinais. Felipe (2006, p. 203) destaca que esses morfemas lexicais ou gramaticais podem ser considerados uma raiz/radical, um afixo e uma desinência, ou seja, uma marca de concordância número-pessoal ou de gênero. Em sua obra, Felipe (2006 p. 204) lembra que um afixo ou sufixo pode se apresentar por um movimento de cabeça, que se apresentam em sinais com movimentos opostos como acontece nos sinais de GOSTAR / GOSTAR-NÃO.

Figura 16 – Sinal em Libras (GOSTAR e GOSTAR-NÃO) - funcionamento do sufixo.



Fonte: Quadros (2009, p. 88, 104)

Felipe (2006 p. 203) explica que nesse momento na Libras o sinal oposto funciona como um sufixo, com o mesmo objetivo do prefixo anti- na Língua Portuguesa. Outro modelo que se pode apresentar para entender o afixo na Libras está no sinal ENTENDER-NADA.

Figura 17 – Sinal em Libras (ENTENDER-NADA)



Fonte: Quadros (2019, p. 88)

Nesse caso, Felipe (2006, p. 203) explica que a negação está incorporada simultaneamente à raiz, e esse processo morfológico pode ser considerado um afixo. Felipe (2006, p. 204) apresenta outros aspectos morfológicos nos quais ocorrem modificações da raiz na Libras, tais como: as flexões, incorporações, processos de derivações.

Pode-se contar com Xavier e Neves (2016) como os mais recentes colaboradores que apresentam os aspectos morfológicos da Libras, destacando alguns exemplos de processos de modificações de sinais:

Os processos que resultam na modificação da forma de alguns sinais da Libras se assemelham ao que se chama de flexão nas línguas orais, justamente por não resultarem na formação de uma nova palavra. Na verdade, geram-se através deles diferentes formas de um mesmo sinal por meio das quais se expressam certos significados gramaticais. Na Libras, observam-se entre esses casos aqueles em que a forma do sinal é modificada quando incorpora quantidade, negação, argumento e intensidade (XAVIER; NEVES; 2016, p. 131).

A incorporação de certos aspectos fonológicos que podem ser inseridos por meio de um parâmetro, como a mudança de uma configuração de mão, a inserção ou retirada de um movimento, segundo Xavier e Neves (2016, p. 141), amplia o léxico. Surge, assim, outra particularidade da morfologia, a incorporação de sinais que produzem novos conceitos e criam novos sinais derivados de sinais por meio da alteração de um dos parâmetros do sinal primitivo ou por meio da fusão de partes de outros sinais.

Figura 18 – Sinal em Libras (ESCREVER e ESCREVER+++) apresentando incorporação de sinal através da intensidade



Fonte: Quadros (2019, p. 87, 102)

Figura 19 – Sinal em Libras (CASA e VIZINHO) apresentando a incorporação de sinal através da derivação do sinal primitivo



Fonte: Quadros (2019, p. 72, 83)

Figura 20 – Sinal em Libras apresentando a incorporação de sinal



Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 148)

2.3 SINTAXE

O dicionário Michaelis *online* (1998) define a sintaxe como parte da gramática que ensina a dispor as palavras para formar as orações, os períodos e parágrafos, e estes para formar o discurso. A sintaxe se preocupa com os padrões estruturais de uma língua. Segundo Castro Junior (2011, p.41), a sintaxe fornece dados sobre a estrutura profunda da língua. Por essa razão existe um estudo da sintaxe não somente na Libras ou na Língua Americana de Sinais, mas esse estudo ocorre na maioria, senão em todas as línguas de sinais espalhadas no mundo inteiro.

A organização das palavras em uma frase é o que apresenta como se organiza a estrutura de uma língua. Na Libras essa organização acontece de uma forma complexa assim como em qualquer outra língua. Quadros e Karnopp (2004, p.

139) explicam que a sintaxe na língua de sinais apresenta uma variação na ordem entre sujeito (S), verbo (V) e objeto (O). A ordem verbo sujeito/verbo/objeto (SVO), sujeito/objeto/verbo (SOV), verbo/sujeito/objeto (VSO), objeto/sujeito/objeto (OSV) são alguns modelos de ordem sintática que podem ocorrer nas diferentes línguas de sinais. Essa ordem pode ocorrer de maneiras diferentes também em uma única língua. Na Libras acontece uma flexibilidade na ordem das frases, mas uma predomina sobre as outras, conforme destacam Felipe (1989), Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), que explicam a predominância da ordem sujeito/verbo/objeto (SVO). Exemplos:

Figura 21 – Exemplo de frase SVO em Libras



(142) MENINO COMER BANANA
Fonte: Quadros (2019, p. 92)

Figura 22 – Exemplo de Frase SOV em Libras



(144) MENINO BANANA COMER-COMER+++ (iterativo // as duas mãos alternadas)
Fonte: Quadros (2019, p. 93)

Figura 23 – Exemplo de frase OSV em Libras



(156) FESTAb MULHERa aIR (OSV)

Fonte: Quadros (2019, p. 96)

Quadros e Karnopp (2004) apresentam evidências para essas afirmações: “[...] As evidências surgem de orações simples, de orações complexas contendo orações subordinadas, da interação com advérbios, com modais e com auxiliares” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.139). As outras formas citadas ocorrem somente em situações que apresentam algo a mais na sentença, como concordâncias e marcas não manuais.

Não se deve deixar de citar que, com a finalidade de funcionamento de maneira adequada das relações sintáticas, são necessários alguns mecanismos que foram apresentados por Quadros e Karnopp (2004, p. 199), são eles: fazer os sinais em um local particular; direcionar a cabeça e os olhos, ou fazer a apontação direta com o sinal para o substantivo; usar a apontação ostensiva antes do sinal; usar um pronome por meio da apontação ostensiva; usar classificadores em uma localização particular; usar um verbo direcional incorporando os referentes dentro do espaço previamente determinado. As formas pronominais podem identificar sujeitos presentes ou não. Outra forma de identificar os sujeitos é pelas expressões faciais.

Na sintaxe acontecem as concordâncias, principalmente no que se refere às concordâncias verbais. Segundo Quadros e Karnopp (2004) explicam: “[...] Nas línguas de sinais a concordância é obrigatória com o objeto, podendo ou não ser realizada com o sujeito, dependendo da seleção do verbo (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 199). Exemplo, no verbo ENTREGAR a concordância existe realizada com o movimento em direção ao sujeito.

Figura 24 – Sinal em Libras do verbo com concordância (ENTREGAR)



Fonte: Quadros (2019, p. 94)

Muitas são as discussões em torno da concordância na língua de sinais. As dúvidas apontam para analisar se podemos considerar linguísticos, os componentes utilizados para que a concordância aconteça. Com o objetivo de sanar essas dúvidas, uma das observações feitas por Quadros e Karnopp (2004, p. 200) apontou elementos que justificam os aspectos linguísticos das concordâncias na língua de sinais, destacando que, as línguas de sinais utilizar verbos que apresentam concordância ou não, mas, os verbos sem concordância utilizam-se de métodos para serem sinalizados em determinados pontos incorporando o referente.

Figura 25 – Sinal em Libras do verbo sem concordância (TRABALHAR)



Fonte: Quadros (2019, p. 93)

Essa concordância que acontece é um aspecto gramatical das línguas de sinais. Pode-se, assim, apresentar que a Libras, uma língua visual-espacial, possui os

mesmos aspectos gramaticais que as línguas orais-auditivas possuem. Então, como lembra Castro Junior (2011, p.123), as línguas de sinais apresentam como qualquer outra língua os mesmos universais linguísticos, aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e todas as características linguísticas de qualquer língua natural.

2.4 SOCIOLINGUÍSTICA

Além dos aspectos gramaticais apresentados que comprovam que a Libras é uma língua, assim como todas as línguas de sinais, existem outros aspectos existentes que ratificam as línguas de sinais como línguas. É a relação existente entre língua e significado e variação o que remete à sociolinguística.

Para entender esse aspecto, tem-se que entender primeiramente o que é a sociolinguística. Preti (1994) manifesta o poder que a língua possui:

A língua é o suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária (PRETI, 1994, p. 12).

A língua é o meio de comunicação e interação entre indivíduos, e porque não dizer da sociedade em geral. Sua importância é tão extrema que existem áreas de estudos sobre a língua. Mas a que língua se está se referindo? À língua falada, apesar de esse termo se referir à fala e não à sinalização nas línguas de sinais, a fala a que se referem os linguistas, diz respeito à comunicação realizada em situações naturais de interação social (TARALLO, 1997, p. 19). É a língua que se usa na comunicação do dia a dia, no meio familiar, na escola, no trabalho. São os discursos que se proferem na rotina diária. É com essa visão em mente que Labov (2008) incentiva o estudo das línguas:

Para lidar com a língua temos de olhar para os dados da fala cotidiana o mais perto e diretamente possível, caracterizar seu relacionamento com as teorias gramaticais do modo mais acurado que pudermos, corrigindo e adequando a teoria para que ela se ajuste ao objeto visado (LABOV, 2008, p. 236).

Inicialmente o olhar para os estudos linguísticos estava direcionado para uma comunidade linguisticamente homogênea, que tinha como um dos principais

pesquisadores Noam Chomsky. Tarallo (1997, p. 6) destaca que, segundo Chomsky, o objeto dos estudos linguísticos é a competência linguística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea. Havia discordâncias com esse pensamento, Tarallo (1997, p. 6) explica: é possível notar que cada língua falada é ao mesmo tempo heterogênea e diversificada.

A ideia da homogeneidade entra em conflito com a diversidade linguística existente. Foi assim que surgiu a sociolinguística. O papel de um sociolinguista foi definido por Tarallo (1997): “[...] podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana.” (TARALLO, 1997, p. 7)”.

Os campos da sociolinguística foram expostos por Etto e Carlos (2017) quando explicam:

Na sua formação, a Sociolinguística utilizou-se de basicamente três disciplinas: a Linguística, a Antropologia e a Sociologia, e pôde mesclar as contribuições de cada uma dessas áreas. A Antropologia colaborou com seus conhecimentos de etnografia, a Sociologia com seu cabedal teórico-metodológico e a Linguística com suas teorias sobre a linguagem, e a união de pesquisadores dessas três áreas do conhecimento muito cooperou para o fortalecimento do que conhecemos hoje como Sociolinguística (ETTO; CARLOS; 2017, p. 722).

O início do estudo entre língua e sociedade aconteceu com William Labov. (TARALLO, 1997, p. 7) Apesar de outros linguistas que pesquisavam a língua ligada ao social, era ele quem mais insistia na teoria que estudava a língua ligada à sociedade. Labov (2008, p. 241), apesar de reconhecer a importância linguística também de um âmbito individual, contrariava os que adotavam os modelos individuais da relação falante-ouvinte e excluía a diversidade. Preti (1994, p. 14) explicou que seria difícil estabelecer uma diretriz única, fixa, na abordagem dos problemas que envolvem a relação língua/sociedade.

Por essa razão, Labov (2008) analisou a importância de manter um estudo linguístico voltado para o social: “O exame minucioso dessas hipóteses e descobertas metodológicas nos dirá muita coisa sobre a natureza do discurso e as funções da linguagem” (LABOV, 2008, p. 242). Analisando assim o poder que a língua tem no âmbito social.

A sociolinguística também tem um foco específico: a variação. Conforme destacam Etto e Carlos (2017): “A Sociolinguística é também conhecida como Teoria

da Variação, pois seus pesquisadores procuram analisar as variações que estão em concorrência, as usadas ao mesmo tempo, e as concorrentes, as formas linguísticas que concorrem entre si.” (ETTO; CARLOS; 2017, p. 724). Esse fator está inserido nas línguas naturais, dessa forma, será analisado no próximo capítulo como funciona a variação nas línguas orais, mas principalmente nas línguas de sinais.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS LÍNGUAS ORAIS E NAS LÍNGUAS DE SINAIS

No capítulo anterior citou-se que a sociolinguística tem como objeto de estudo a variação linguística. Neste capítulo será possível analisar o que é a variação linguística, como ela acontece nas línguas orais, como se apresenta nas línguas de sinais e se destacará a variação fonológica na Libras.

“Desconforto”, esse é o sentimento que Tarallo (1997, p. 5) descreve para o que é novo. Na verdade, é esse “desconforto” que muitos sentem ao falar sobre a variação linguística. Bagno (2007, p. 27) explica que muitos consideram tratar do assunto variação linguística como um “problema”. Mas, antes de explicar o porquê de se falar que variação linguística gera tanta inquietação, vai-se analisar primeiro o que é variação linguística.

Durante a explanação dessa pesquisa, sempre se reforçará que a língua é heterogênea. Bagno (2007) explica que a “[...] língua é múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução” (BAGNO, 2007, p. 36). Reforçando a grande diversidade da língua, Preti (1994) explica como a diversidade linguística funciona:

Vimos que muitos fatores e de variada importância concorrem para torná-la um fenômeno de grande diversidade, vai ao ponto de duas pessoas não falarem exatamente da mesma maneira a mesma língua, e até uma única pessoa não falar em todos os momentos de forma igual (PRETI, 1994, p.48).

Pode-se, dessa forma, afirmar que a variação linguística acontece de maneira natural, todos falam de formas diferentes. Essas formas de variação são chamadas por Tarallo (1997) de variantes linguísticas e ele expõe que “Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.” (TARALLO, 1997, p. 8).

É possível agora entender por que a variação pode ser considerada uma adversidade para muitos linguistas. Por muitos anos acreditava-se que as línguas eram homogêneas. Como nos lembra Bagno (2007, p. 35), com a ideia da homogeneidade da língua, seria possível criar a norma-padrão, ou seja, um modelo de língua “certa”. Isso significaria que seriam aceitos pela sociedade os falantes de uma língua que seguissem esse padrão. Concordando com esse pensamento, Preti

(1994, p. 52) explica que a norma é o ponto de chegada no processo de uniformização e nivelamento da língua. Essa uniformização acontece quando a sociedade, em comum acordo, escolhe a melhor maneira de se comunicar e, depois, elege como tal comportamento será mantido.

Mas por que a ideia de seguir uma norma é tão forte? Preti (1994, p. 52) apresenta os agentes que atuam sobre a língua de uma sociedade, contribuindo para a propaganda de uma língua única, instável e perfeita. Dentre esses agentes Preti (1994, p.52) inclui a escola, que procura uma uniformização. É ela que divulga uma norma-padrão, principalmente por meio da escrita, estabelecendo padrões elevados que devem ser seguidos, influenciando cada vez mais, ao passo em que se eleva o grau de instrução dos indivíduos. Tem-se também a literatura. Nesse caso são apresentados os padrões estéticos da língua, que são usados durante anos. Com a escrita uniforme, é possível limitar as liberdades que a língua oral possui. Por fim, os meios de comunicação em massa, que, provavelmente, são os mais influentes condicionadores linguísticos que atuam sobre a norma. Os meios de comunicação restringem o modo de dizer dos falantes, diminuem as possibilidades de linguagem, fazendo com que o falar, pensar e, até mesmo, agir entrem em acordos com a norma e padrões determinados. É incrível como ela apresenta o modo de falar e o modo de agir seguindo as regras. Nos telejornais é possível observar apresentadores “falando bonito”, assim diziam “meus avós”. Nas novelas as pessoas que usam termos populares e gírias são aqueles que pertencem à classe baixa, são os que não são escolarizados, constantemente corrigidos por seus padrões, são os marginalizados.

Bagno (2007) lembra o objetivo da criação de uma norma-padrão:

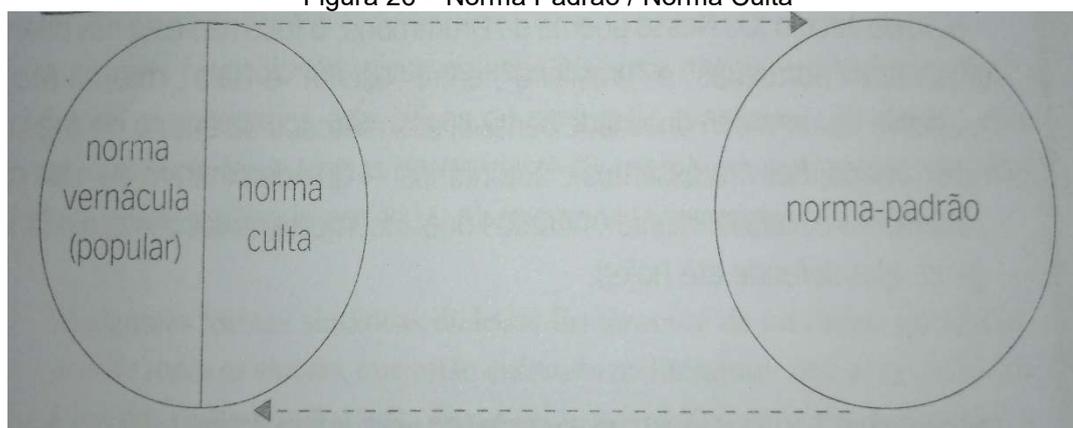
[...] a construção de uma norma-padrão, de um modelo idealizado de língua, é que representam um controle dos processos inerentes de variação e mudanças, um refreamento artificial das forças que levam a língua a variar e mudar – exatamente como a construção de uma barragem, de uma represa, impedem que as águas de um rio prossigam no caminho que vinham seguindo naturalmente nos últimos milhões de anos (BAGNO, 2007, p. 37).

Sim, querer que a língua siga um padrão, é tentar impedir a naturalidade da língua. Bagno (2007, p. 97) lembra que a norma-padrão traz uma ideologia excludente e repressora. É a tentativa de selecionar uma forma linguística e excluir as outras que, na verdade, são uma grande maioria, é um construto social. Mas é algo que não passa de uma tentativa, a norma-padrão não consegue impedir o uso das variações. Em

consequência disso, os usos linguísticos vão se afastando das normas, padrões e modelos considerados ideais.

Com base nessas considerações, pode-se se apegar às palavras de Bagno (2007) lembrando que “[...] a norma-padrão não faz parte da língua, porque ela não é real, é algo inexistente, mas ela é um modelo, uma entidade abstrata, mas que exerce um poder sobre os falantes, embora que simbólico” (BAGNO, 2007 p. 106).

Figura 26 – Norma Padrão / Norma Culta



Fonte: Bagno (2007, p. 104)

Ficou claro que uma norma-padrão não consegue conter e muito menos eliminar a variação linguística, mas pode-se dizer que uma possui uma forte influência sobre a outra. Sendo assim, é necessário aprofundar o conhecimento a respeito desse fenômeno linguístico. Começar-se-á por analisar como acontecem as variações.

As variações ocorrem em todos os aspectos da língua. Segundo Bagno (2007, p. 39,40) elas podem acontecer de forma:

- a) Fonético-fonológica: acontece nas pronúncias. Exemplo: palavras com r e suas pronúncias (porta);
- b) Morfológica: pequenas mudanças nas palavras, mas que expressam a mesma ideia. Exemplo: pegajoso e peguento;
- c) Sintática: os elementos são organizados de formas diferentes, mas o sentido geral da frase continua o mesmo. Exemplo: Eu vi a ele. / Eu o vi;
- d) Semântica: podem ser usadas palavras diferentes que variam conforme a origem regional do falante, mas o significado é o mesmo. Exemplo: renunciou / recusou / rejeitou;

e) Lexical: o uso de palavras diferentes utilizadas em um mesmo lugar, ou até mesmo pela mesma pessoa, para representar o mesmo objeto. Exemplo: mandioca / macaxeira / aipim;

f) Estilístico-pragmática: este caso está relacionado com as interações sociais, que são marcadas pela formalidade do ambiente ou até mesmo pela intimidade entre os interlocutores. Exemplo:

- Queiram sentar-se, por favor!

- Galera, vamos sentar!

O último ponto chama atenção aos fatores extralinguísticos que contribuem para a variação linguística, os fatores sociais. Tanto Bagno (2007 p. 43, 44) como Preti (1994, p. 17) apresentaram o funcionamento da língua por meio da classificação social dos indivíduos, destacando que os fatores sociais são:

a) Geográficos: são as variações regionais, é possível identificar os indivíduos por meio da fala característica de regiões diferentes, estados diferentes, ou características pertencentes ao mesmo estado, como acontece nas regiões urbanas e rural.

b) Socioeconômicos: um dos fatores que determina a variação são as classes sociais. Normalmente pessoas com nível de renda muito baixo apresentam uma variação diferente da forma de falar daqueles que têm uma renda um pouco maior, considerados de classe média, que também apresentam uma variação diferente do modo de falar comparado com os de classe alta.

c) Grau de escolarização: nesse caso o que impera não é a classe social, mas a educação formal recebida pelo o falante. Também é um fator que exerce bastante poder na variação linguística, ela acontece na cultura letrada, na prática da leitura e no uso da escrita.

d) Idade: a variação linguística é evidente na maneira de falar de cada indivíduo conforme a sua idade. Torna-se bem patente que os mais novos não falam como os mais velhos, e os mais velhos espantam-se com o uso da língua feito pelos mais novos.

e) Sexo: a língua que homens e mulheres utilizam apresenta variantes que determinam o sexo dos falantes.

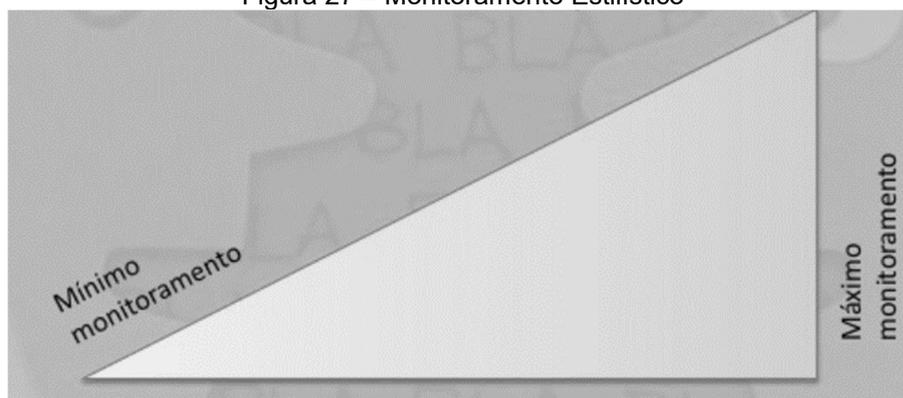
f) Mercado de trabalho: determinados profissionais criam variações próprias para sua profissão. Não bastasse isso, em alguns casos são termos tão próprios, que

não são compreendidos por “simples falantes”. Nessa senda, um médico não faria uso de termos usados somente por pecuaristas.

g) Redes sociais: são atualmente um dos maiores divulgadores de variações, os seguidores e apresentadores dessas variações adotam os termos por eles criados e propagados.

São esses fatores que contribuem para que a variação linguística aconteça. Dessa forma, segundo Bagno (2007, p. 44), a variação não mostra somente o modo de falar dos indivíduos, mas também o comportamento linguístico de cada falante. Nesse momento, faz-se uma variação da própria maneira de falar, ou seja, faz-se uso do monitoramento linguístico. Esse monitoramento acontece quando se muda o modo de falar de acordo com a circunstância que se está enfrentando no momento ou de acordo com o convívio social em que se está inserido.

Figura 27 – Monitoramento Estilístico



Fonte: Bagno (2007, p.45)

Anteriormente foram citados os fatores que contribuem para que aconteça a variação linguística. A partir deste momento, podem-se descrever Segundo Bagno (2007, p.46, 47) e Preti (1994, p. 19,20) os tipos de variações existentes que podem ser analisadas.

Variação diatópica – é a que apresenta a forma de falar de lugares diferentes, o próprio nome, que vem do grego, explica sua função: DIÁ – “através de” e TÓPOS – “lugar”. A expansão do espaço territorial, as diversidades existentes nos diversos lugares (zona rural, zona urbana) e até mesmo a variedade territorial dentro da própria zona urbana são fatores que contribuem para a variação linguística diatópica.

Variação diastrática – origina-se do DIÁ – “através de” e do latim STRATUM - “camada, estrato”, são as variações no modo de falar das diferentes classes sociais.

Podem-se incluir nesse caso, as gírias específicas, pertencentes a certos grupos, como de policiais, estudantes, surfistas e outros. Mas também incluem os jargões de certas profissões, como advogados, médicos e outros.

Varição diamésica – é a variação encontrada entre a língua falada e a língua escrita. Esse tipo de variação pode ser observado nos documentos oficiais, nas cartas, nos meios mais modernos, como e-mails, mensagens de *WhatsApp* e outros.

Varição diafásica – provém do grego PHÁSIS – “expressão, modo de falar”. Sendo assim, refere-se ao uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua. É a essa variação que se fez referência anteriormente, é aquela em que o indivíduo varia suas expressões conforme o ambiente social em que está inserido no momento. O indivíduo varia suas falas entre o modo formal e informal.

Varição diacrônica – a língua, como dito antes, é heterogênea, por isso ela sofre mudanças. E é por essas mudanças que o estudo desse tipo de variação abrange as fases históricas de uma língua, apresentando palavras que eram usadas e hoje são desconhecidas.

3.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Após se fazer uma pesquisa, pôde-se verificar como funciona a variação linguística nas línguas orais. Mas será que nas línguas de sinais essas variações também acontecem? Sim. As línguas de sinais, assim como as línguas orais, também são heterogêneas. E como tal, elas apresentam as mesmas características no que se refere à variação linguística. No entanto, conforme destacam Xavier e Barbosa (2014) e Castro Junior (2011), são poucos os autores que tratam sobre a variação linguística, principalmente no que refere às línguas de sinais.

Por essa razão, tentar-se-á, por meio desta pesquisa, trazer o maior número possível de informações sobre como acontece a variação linguística nas línguas de sinais. Um dos grandes obstáculos para o desenvolvimento de conhecimento de variação nas línguas de sinais foi descrito por Castro Júnior (2011):

As propostas de pesquisas de trabalhos direcionados à LSB têm se preocupado, basicamente, com as abordagens específicas educacionais para os surdos na defesa da “cultura surda” e com as análises formais da linguagem. Isso decorre do fato de que é novo o interesse, de forma mais sistemática, da língua pelo tema (CASTRO JUNIOR, 2011, p. 58).

A libras é uma língua que desperta interesse, mas, como já citado, os maiores interesses estão voltados para temas que tratam da educação, cultura, análise da língua. Porém não seriam esses temas que deveriam tratar da variação, afinal não é na educação dos surdos que sinais são apresentados e ensinados? Então, é nela que deveriam ser apresentadas as variações que as línguas de sinais possuem. Quanto à cultura, ao se analisar que a sociolinguística estuda a língua que está ligada ao convívio social, verifica-se que a sociedade e sua cultura influenciam os falantes, ou, no caso das línguas de sinais, os sinalizantes, então, ao se apresentar uma cultura, deve-se apresentar uma língua e as variantes que ela possui. A análise de uma língua tem como objetivo apresentar o funcionamento dessa língua, a variação faz parte do funcionamento das línguas de sinais.

Oliveira e Marques (2014) lembram que “[...] a variação linguística é resultado da influência histórica de cada geração, de acontecimentos gerados através da língua pela sociedade. A língua evoluiu e as evidências podem ser vistas nas variações, tanto pela história, região e sociedade.” (OLIVEIRA; MARQUES, 2014, p. 88). A evolução nas línguas de sinais também acontece. Por essa razão Nascimento (2009, p. 49) descreve que a variação nas libras, assim como nas línguas orais, possuía a mesma variante, que pode ser diatópica, diafásica e diacrônica. Então se relembra, de forma bem resumida, cada uma delas, mas agora apresentando exemplos de sinais que representam cada uma dessas variações.

Variação linguística diatópica – as mudanças ocorrem de uma região para outra. Na Libras essa variação acontece quando cada estado apresenta sinais diferentes que representam o mesmo objeto, ou seja, apresentam suas variações. Essa variação torna-se evidente em vídeos em Libras produzidos em outros estados, ou por pesquisas feitas em aplicativos, neles se apresentam sinais próprios do estado em que foram produzidos. Por essa razão, ao ensinar um sinal que possui variações regionais, é necessário explicar antecipadamente como ele é feito em outras regiões.

Vargas (2018) desenvolveu uma pesquisa sobre esse tipo de variação: “A variação diatópica, também chamada de variedade geográfica, é aquela constatada quando se comparam os modos de falar de diversos lugares, como regiões, estados, cidades, zona rural e urbana, áreas específicas nos grandes centros etc.” (VARGAS, 2018, p. 61). Segundo Vargas (2018), o seu principal objetivo, na pesquisa, era o de apresentar as variações léxicas observadas nas cinco regiões do Brasil.

Em seu estudo, Vargas (2018) utilizou os sinais relacionados ao campo semântico “família” apresentando os que sofreram variação e os que não sofreram. Um dos sinais que mais sofreu variação foi o de irmão, nele foram apresentadas pelos entrevistados três variações. A primeira variação foi utilizada por dois surdos, um da Região Nordeste e outra da Região Sul. Nesse caso, para a formação do sinal, foram utilizadas as duas mãos com a mesma configuração de mão, CM 26.

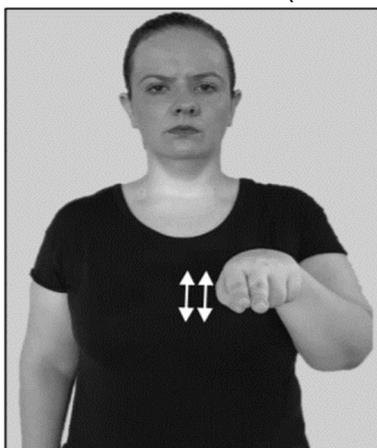
Figura 28 – Sinal em Libras (IRMÃO/Ã I)



Fonte: Vargas (2018, p. 86)

A segunda variação foi apresentada por sete surdos das regiões Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Para esse sinal apenas uma das mãos é utilizada, configuração de mão 44.

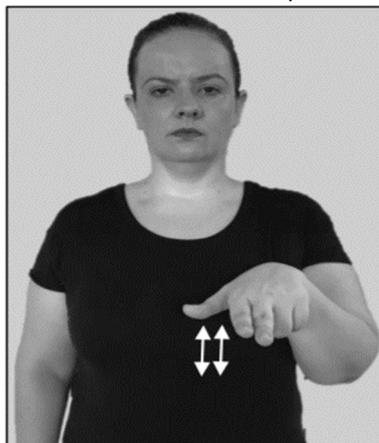
Figura 29 – Sinal em Libras (IRMÃO/Ã II)



Fonte: Vargas (2018, p. 86)

Na terceira variação, apesar de apresentarem-se alguns parâmetros parecidos com a anterior, foi possível notar a diferença na configuração de mão 38, utilizada por surdos do Norte e do Sudeste.

Figura 30 – Sinal em Libras (IRMÃO/Ã) III



Fonte: Vargas (2018, p. 87)

Segundo Vargas (2018), a importância de seu trabalho apresenta-se nos resultados, destacando que [...] as Línguas de Sinais são línguas naturais como qualquer outra, possuindo assim o fenômeno da variação que pode ser comprovado com os dados da pesquisa (VARGAS, 2018, p. 92).

A pesquisa apresentada por Vargas (2018) é de grande importância para todos, visto que esta pesquisa também se baseia na variação diatópica, no entanto o foco é um estudo da variação fonológica.

Variação linguística diastrática – é a variação que acontece pelas diferenças nas classes sociais. Mas como isso ocorre nas línguas de sinais? A variação se apresenta por meio das diferenças de idade, conforme destaca Vargas (2018), “A variação entre faixas etárias também é percebida em Libras: usuários mais velhos usam determinados sinais e, em processo de mudança, já são usados de outra forma por usuários mais jovens” (VARGAS, 2018, p. 63).

Variação linguística diafásica – ela mostra as diferenças de sinais utilizados conforme o ambiente social inserido. Vargas (2018, p. 66) que nesse caso é usado o termo sinal formal ou informal. Mas também podem representar as variações dos sinais no ambiente em casa, quando muitos usam sinais totalmente diferentes daqueles que se usa para se comunicar com outros surdos ou outros sinalizantes para que possam ser compreendidos.

Variação diamésica – representa a variação entre a língua falada e a língua escrita. Conforme Vargas (2018, p. 66) explica, ela não se aplica à língua de sinais, já que não existe a língua falada. Não se pode esquecer a modalidade escrita de sinais existe: “Este sistema foi reconhecido pela Organização Internacional de Padronização

(ISO) em 2006 como escrita das Línguas de Sinais” (VARGAS, 2018, p. 68). Mas esse sistema de escrita, por ser uma área nova, representa os sinais de maneira exata.

Variação diacrônica – representa as variações que acontecem com o decorrer do tempo. Conforme Vargas (2018, p. 68) ressalta, na língua de sinais ela acontece, no entanto, por ser uma língua visual-espacial, são poucos os registros. Sabe-se que a Libras foi influenciada pelas Línguas de Sinais Francesa, mas ela sofreu modificações se moldando à cultura do Brasil.

Meditar sobre essas formas de variação possibilita pensar nas palavras de Felipe (1990, *apud* OLIVEIRA e MARQUES, 2014), que apresentou fatores que certificam as línguas de sinais como língua:

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta a mudanças culturais e tecnológicas. As línguas de sinais não são universais, cada língua tem sua própria estrutura gramatical. Assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “culturas surdas”, possuem suas próprias línguas (FELIPE, *apud* OLIVEIRA; MARQUES 2014, p. 89).

Outra questão a respeito da variação foi levantada por Castro Junior (2011, p. 52) quando, em sua dissertação, apresentou a discussão em torno do erro. Como citado, a variação acontece de uma classe para outra, de um lugar para outro e de indivíduo para outro. Dessa forma, surge a questão do erro, o falar ou, no caso das línguas de sinais, o sinalizar errado.

Castro Junior (2011, p. 52) apresenta categorias em que são julgados os erros. Um dos fatores envolvem surdos que adquiriram as línguas de sinais em idade tardia. Como a maioria dos surdos nasce em famílias ouvintes, em consequência disso esses surdos adquirem a língua de sinais em idade tardia, cometendo assim erros fonológicos na formação dos sinais. No entanto isso não significa que o processo de uso dos sinais será sempre comprometido, Castro Junior (2011, p. 53) explica que existem casos de surdos que, mesmo depois de aprender a língua de sinais em idade tardia, conseguiram se tornar fluentes na língua.

Outra categoria que interfere nos sinais de um indivíduo são os *Inputs* recebidos, segundo Castro Junior (2011):

O falante opera sobre os objetos linguísticos à medida que relaciona elementos, neles conhecendo formas e investindo na significação. Nesse caso, a morfologia é adquirida pelo falante diante de operações sobre a

língua, ele constrói a língua como um sistema de regras, descobrindo relações, uniformizando tratamentos regularizando formas e estruturas, numa direção uniformizada e surpreendente (CASTRO JUNIOR, 2011, p. 54).

Ambos os fatores podem promover uma série de sinais bem diversificados e, como tal, promover uma variação linguística ampla. E, por essa razão, é necessário conhecimento sobre essas variações, pois a falta de conhecimento pode gerar confusão, dúvidas e até mesmo considerar a variação linguística um erro.

Deve-se sempre lembrar que, se as línguas de sinais são heterogêneas, elas vão apresentar mudanças, e são essas mudanças que intensificam as variações. Então deve-se ter em mente os questionamentos feitos por Santana (2007), citados por Castro Junior (2011): [...] questiona que se não há língua portuguesa “ideal” nem falantes “puros”, por que teríamos língua de sinais “pura”? Tem-se discutindo a língua de sinais como se fosse uma língua homogênea – “A língua dos Surdos” (SANTANA, 2007, *apud* CASTRO JUNIOR, 2011, p. 51). Reforçar-se-á mais uma vez, as línguas de sinais são heterogêneas, é o meio de interagir da comunidade surda e estão em constante mudança, por essa razão sofrem muitas variações. Ninguém é capaz de alcançar a perfeição no uso delas, e ninguém pode apresentar uma verdade absoluta sobre elas.

Justamente por não ser possível alcançar a sua perfeição, uma das formas de classificar as variações é pelos aspectos que elas apresentam, dentre muitas está a variação fonológica.

3.2 VARIAÇÃO FONOLÓGICA NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Para analisar a variação fonológica na Libras é necessário relembrar o que é fonologia. Quadros (2019, p. 48) explica que a fonologia analisa a representação mental das formas fonéticas e identifica quais desses elementos são contrastivos, ou seja, qual deles apresentam propriedades distintivas. Apesar de causar um certo espanto tratar de fonética e fonologia na línguas de sinais, Quadros (2019) apresenta a visão que os linguistas têm para esses termos: “[...] fonética e fonologia referem-se aqui à área de estudos da linguística que se ocupa da identificação e descrição das unidades e traços mínimos de uma língua que não apresenta significado autônomo” (QUADROS, 2019, p. 50).

Não é possível explicar sobre fonologia na Libras sem apresentar o primeiro linguista que propôs o modelo fonológico de análise das línguas de sinais: Stokoe (1960). Seu estudo revelou os três primeiros parâmetros, ou seja, fonemas que compõem as línguas de sinais. Quadros (2019) destaca:

[...] Stokoe apresenta um estudo das unidades de configuração de mão (formas das mãos), localização (locais onde os sinais são produzidos) e movimento (atividade empregada na composição da mão em determinada localização) como fonemas usados para compor os sinais” (QUADROS, 2019, p. 50).

Como se viu anteriormente, é a partir dos cinco parâmetros, juntamente com o uso das mãos para produção dos sinais (mão dominante e mão passiva), que podem acontecer combinações e constituição de outros itens lexicais.

Xavier (2016, p. 11) destacou que Stokoe identificou outra característica referente à fonologia que reforça a tese de que as línguas de sinais e as línguas orais possuem estruturas semelhantes. Além da finitude e da possibilidade de recombinação de valores, Stokoe apresentou os valores contrastivos assumidos por cada um dos parâmetros. Dessa forma a mudança de um único parâmetro pode representar significados diferentes. Esse processo é chamado por Stokoe de pares mínimos: “[...] ou seja, pares de sinais que, apesar de identicamente especificados para quase todos os seus parâmetros, diferem entre si unicamente em relação a um deles” (XAVIER, 2017, p. 986). Para a explicação na mudança de configuração de mão, utilizar-se-ão as configurações de mão apresentadas por Felipe (2008 p. 28), essa será a base para toda a presente análise. Como se pode observar na figura a seguir, a formação de sinais diferentes ocorre com a mudança da configuração de mão. Na primeira imagem, para o sinal amarelo, é utilizada a CM 12, no caso do sinal grátis, a configuração de mão utilizada é a 63.

Figura 31 – Sinal em Libras (AMAREL@ e GRÁTIS)



Fonte: Xavier (2017, p.987).

Quadros (2019) apresenta a pesquisa de Xavier e Barbosa (2014) em que “[...] analisam a variação na realização dos parâmetros em sinais em Libras como resultante da variação na pronúncia (QUADROS, 2019, p. 63). A variação apresentada por Xavier e Barbosa (2014) não apresenta mudança de sentido, e sim mudanças fonológicas, variação de pronúncias.

Xavier e Barbosa (2017, p. 988) explicaram que “A Libras dispõe de poucos trabalhos acerca da sua variação fonético-fonológica”, mas essas mudanças existem, dessa forma é necessário analisar como acontece a variação com base em cada parâmetro. Como o objetivo desta pesquisa visa apresentar a variação fonológica, ou seja, a variação de pronúncias, serão utilizados os estudos de Xavier e Barbosa (2014), nos quais foi possível observar como surdos faziam os sinais solicitados, ocorrendo variações de parâmetros e muitos deles relacionados à configuração de mão (CM), localização (L) e movimento (M). Serão apresentados alguns sinais que foram analisados por Xavier e Barbosa (2014) e como foi constatada a variação.

As variações apresentadas por Xavier e Barbosa (2014) iniciam apresentando a variação relacionada com a configuração de mão. Essas variações são observadas nos sinais de PESSOA e CANCELAR.

Para o sinal de PESSOA foi apresentada a CM 11, movimento retilíneo da esquerda para a direita, localização na testa. Na variação apresentada a configuração de mão sofre modificação para CM 35a, no entanto o movimento e a locação não sofrem alterações.

Figura 32 – Sinal em Libras (PESSOA) apresentando variação na CM

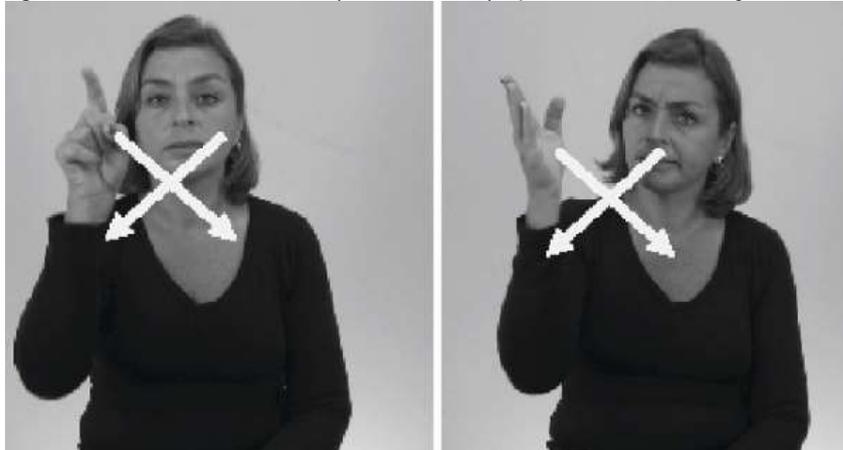


Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 382)

Para o sinal CANCELAR, em ambos os casos o movimento retilíneo permanece igual, em ambos os casos a locação acontece em espaço neutro, mas

ocorre uma mudança na configuração de mão. Na primeira foto foi utilizada a CM 14 e na segunda foto a CM utilizada foi 51b.

Figura 33 – Sinal em Libras (CANCELAR) apresentando variação na CM



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 382)

Em sua análise, Xavier e Barbosa (2014, p. 382) puderam observar que há uma grande propensão de uso de uma mão dominante e a mão passiva e que ocorre a realização de sinais com configuração de mão esperada e variantes fonológicas não esperadas.

No caso da mão dominante, pode-se observar essa variação no sinal de FARMÁCIA, no primeiro caso a mão dominante apresenta CM 1, fazendo o movimento circular na palma da mão passiva aberta. No segundo caso, a configuração de mão se modifica, nesse momento o polegar permanece em evidência por estar levantado, a mão passiva permanece a mesma, e o movimento não sofre alteração, CM 7.

Figura 34 – Sinal em Libras (FARMÁCIA) apresentando variação na CM



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 383)

Como comentado, a mudança pode acontecer não na mão dominante, mas na mão passiva. Isso acontece no sinal para SOCIEDADE, em que no primeiro caso a mão ativa utiliza a CM 2, fazendo movimento semicircular, a mão passiva, CM 13, localizada em espaço neutro. Na segunda variação para o sinal de SOCIEDADE a configuração de mão dominante continua a mesma, o movimento permanece o mesmo, mas, quanto à mão passiva, ela sofre alteração, a configuração de mão passa a ser CM 2.

Figura 35 – Sinal em Libras (SOCIEDADE) apresentando variação na CM da mão passiva



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 383)

Quanto à Locação, as variantes fonológicas aconteciam no local esperado, mas também aconteciam abaixo do local esperado, bem como mais em cima. Xavier e Barbosa (2014, p. 379) podem atestar que essas mudanças acontecem principalmente em base nas conversas, se informais ou não.

Exemplos apontados por Xavier e Barbosa (2014) para o sinal de ENTENDER acontecem em localizações diferentes. Em ambos os casos o sinal apresenta a mesma configuração de mão, o mesmo movimento. No entanto, no primeiro caso a locação acontece no lado da testa, já no segundo caso, a locação acontece no rosto, na altura da bochecha.

Figura 36 – Sinal em Libras (ENTENDER) apresentando variação na Locação.



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 383)

Para o sinal de ALÍVIO, o sinal acontece em ambos os casos com a mesma configuração de mão e o mesmo movimento, mas a variação acontece na locação. No primeiro caso, a locação acontece na testa, na área central. Mas no segundo caso a locação continua na testa, mas um pouco mais na lateral.

Figura 37 – Sinal em Libras (ALÍVIO) apresentando variação na locação.

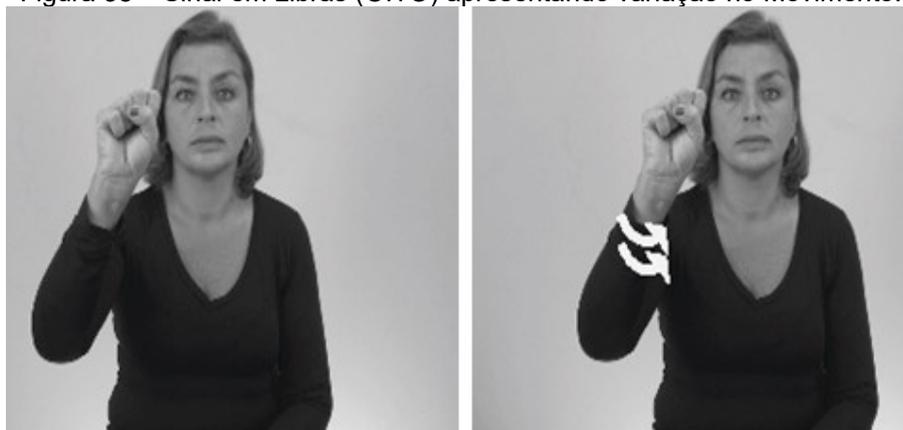


Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384)

As variações que podem acontecer no parâmetro movimento é se eles ocorrem ou não.

Para apresentação do sinal de oito foram apresentadas duas variações. No primeiro caso, a configuração de mão 2, localizada em espaço neutro, mas no primeiro caso, os movimentos apresentados são semicirculares. No segundo caso, a variação acontece quando o movimento não aparece. Ou seja, em alguns sinais é possível a escolha de uso do movimento ou não.

Figura 38 – Sinal em Libras (OITO) apresentando variação no Movimento.



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384)

No caso do sinal GORD@, a CM 40 é a usada pela mão dominante apresentada, subindo até o braço em direção do ombro, com movimentos semicirculares. No segundo caso os passos para a apresentação dos sinais acontecem da mesma maneira, com exceção do movimento, que deixa de ser semicircular e passa a ser angular. Pode-se, assim, dizer que a variação acontece com o uso de dois movimentos diferentes.

Figura 39 – Sinal em Libras (GORDO) apresentando variação no Movimento.



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384)

Variação na orientação é quando acontecem variações não esperadas, e uma variante sempre se sobressai às outras. Como explicam Xavier e Barbosa (2014, p. 375), alguns sinais podem ser articulados com a palma da mão voltada para direções diferentes. Um exemplo é apresentado no sinal da letra A, apesar de a configuração de mão continuar a mesma em todos os casos, mas foi possível notar a variação na orientação. No primeiro caso foi possível notar a palma da mão voltada para a frente,

mas em outros casos, ao apresentar o sinal, a palma da mão estava voltada para a lateral.

Xavier e Barbosa (2014, p. 401) explicaram que apareceram outras variações que se costuma ignorar, são as marcações não manuais, que se referem a algum movimento em que se exhibe ou não alguma atividade na face e a variação do uso na quantidade de mãos, ou seja, o uso de uma ou das mãos.

Como exemplo para marcações não manuais, o caso mais evidente que Xavier e Barbosa (2014) documentaram foi do sinal de ESTADOS UNIDOS. Em ambos os casos os parâmetros utilizados para a apresentação dos sinais continuavam os mesmos, no entanto, em outros casos, era utilizado movimento na bochecha, enquanto em outros casos não.

Figura 40 – Sinal em Libras (ESTADOS UNIDOS) apresentando variação no Movimento da bochecha.



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384)

Quanto à variação no uso de uma ou de duas mãos para a apresentação do sinal, Xavier e Barbosa (2014) observaram que alguns surdos apresentaram os sinais de QUERER com as duas mãos, enquanto outros apresentavam o sinal com uma única mão.

Apesar das diferenças fonológicas nas variações, Xavier e Barbosa (2017) esclarecem:

Apesar da grande variabilidade articulatória observada na realização [...], há aspectos que se mantêm constantes em todas as suas manifestações e que, como tal, devem garantir a percepção de todas elas como diferentes manifestações do mesmo sinal e não como sinais distintos (XAVIER; BARBOSA, 2017, p. 985).

Xavier e Barbosa (2017, p. 402) perceberam que a variação fonética e fonológica não acontece somente com a alteração de um único parâmetro, em alguns casos as mudanças acontecem em mais parâmetros como no caso do sinal ALTA. Xavier e Barbosa (2017, p. 402) pontuam as mudanças fonológicas que acontecem sem alterar o significado dos sinais.

ALT@ pode variar em suas configurações de mão: sua mão ativa pode apresentar o indicador em forma de gancho (D) ou distendido (B) e sua mão passiva pode ser configurada em 1 (B), e com a mão na forma plana. Pode apresentar variação em seu movimento, dado que pode ser realizado com movimento circular e para cima ou só circular. Em virtude disso, pode variar também em sua localização, já que, diferentemente dos casos em que a mão dominante só gira sem mudar de lugar, quando as mãos se movem para cima, o sinal passa a ter uma localização inicial e outra final (XAVIER e BARBOSA, 2014, p. 991).

Figura 41 – Sinal em Libras (ALT@) e suas variações



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 403)

Como resultado de suas pesquisas, Xavier (2017) apresentou como podem ocorrer as variações:

[...] pode variar também em função (1) da realização ou não de contato com alguma parte do corpo, (2) da junta em que o movimento é realizado (punho ou antebraço), (3) da repetição do movimento, (4) da co-ocorrência ou não da oralização total ou parcial da palavra correspondente em português, (5) da característica ativa ou passiva da mão não dominante e, por fim, (6) de sua realização ou não como parte de uma expressão/composto (XAVIER; BARBOSA 2017, p. 990).

Essas pesquisas ajudam a entender como acontece o funcionamento das variações fonológicas. O estudo dessas variações retrata a Libras como uma língua, e assim como nas línguas orais, essa língua apresenta variações fonológicas, que precisam ser conhecidas e não ignoradas ou tratadas como erro.

Apreendeu-se como funcionam as variações nas línguas orais e nas línguas de sinais, especialmente no que se refere à variação fonológica, apresentando alguns exemplos na Libras com base nas pesquisas de Xavier e Barbosa (2014) e Xavier e Barbosa (2017). No próximo capítulo, será apresentada uma descrição da variação fonológica no campo semântico das cores em Libras em cinco capitais representativas das cinco regiões do Brasil – foco da pesquisa em tela. Inicialmente, será apresentado o desenho metodológico adotado para o presente estudo. Posteriormente, será feita a análise dos dados.

4 METODOLOGIA

Como dito, o principal objetivo desta pesquisa é descrever a variação fonológica do léxico no campo semântico das cores em libras numa perspectiva diatópica. Para se alcançar este objetivo, esta pesquisa visa analisar cinco vídeos do *YouTube*, de cinco estados que representam as cinco regiões do Brasil. São eles: Mato Grosso do Sul, representando a região Centro-Oeste; Maranhão, representando a região Nordeste; Rio Branco, representando a região Norte; Rio de Janeiro, representando a região Sudeste; Rio Grande do Sul, representando a região Sul. Neste capítulo serão apresentados, descritos e explicados os métodos para a análise de dados utilizados para a realização desta pesquisa, e será possível observar variações fonológicas existentes na Libras. Para essa análise, foi escolhido o tema “Cores”.

Pode-se afirmar que a abordagem utilizada para esta pesquisa é qualitativa, pois seu principal objetivo, conforme destacam Bauer e Gaskell (2003, p. 23), é lidar com as interpretações das realidades sociais. Esta pesquisa será realizada por meio de comparações entre cinco vídeos de sinais cores, isso lembra o que Bauer e Gaskell (2003) afirmam ser uma pesquisa qualitativa:

Sem querer imitar literalmente a pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa necessita desenvolver equivalentes funcionais. A fim de reforçar a autonomia e a credibilidade da pesquisa qualitativa, necessitamos procedimentos e padrões claros para identificar uma boa prática e uma prática ruim, tanto através de exemplos, como de critérios abstratos (BAUER, GASKELL, 2003, p. 27).

É uma pesquisa detalhada que leva em consideração vários fatores. Por essa razão, Gil (2002) ressalta:

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (GIL, 2002, p.133).

Pode-se, assim, destacar que o processo de abordagem desta pesquisa qualitativa tem como objetivo apresentar os dados analisados a fim de investigar um tema em profundidade, conforme destaca Gil (2002, p.114).

Esta pesquisa visa fazer uma descrição de cinco vídeos de sinais de cores de cada região do Brasil, com o objetivo de identificar a variação linguística existente na Libras, por isso esta pesquisa é de natureza aplicada, apresentando os conceitos teóricos sobre variação linguística, mas analisando os sinais no aspecto de variação fonológica. Segundo Gil (2002), a natureza aplicada das pesquisas tem como objetivo conceber conhecimentos para aplicação prática da solução de um problema específico:

[...] tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos. Sua preocupação está menos voltada para o desenvolvimento de teorias de valor universal que para a aplicação imediata numa realidade circunstancial (GIL, 2002, p. 46).

Concordando com esse pensamento, Thiollent (1986, p.53) explica que na pesquisa aplicada os problemas são de ordem prática, procurando soluções para se chegar a alcançar um objetivo ou realizar uma possível transformação para o problema.

Gil (2002) ressalta os objetivos de uma pesquisa, entre eles existe a pesquisa descritiva, e o autor explica:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (GIL, 2002, p.42).

Dessa forma, é possível identificar esta pesquisa como descritiva, pois tem como objetivo: analisar vídeos, comparar os sinais, identificar a variação linguística e descrever as características fonológicas dos sinais de cores em Libras apresentados.

O procedimento utilizado para esta pesquisa foi a pesquisa documental. Conforme aponta Gil (2002), a pesquisa documental ocorre por meio de documentos que não receberam nenhum tratamento analítico, “[...] incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc. [...]” (GIL, 2002, p. 46).

Gil (2002) explica as vantagens da pesquisa documental, entre elas ele destaca: “[...] não exigir contato com os sujeitos da pesquisa. É sabido que em muitos casos o contato com os sujeitos é difícil ou até mesmo impossível” (GIL, 2002, p. 46).

Isso se aplica bem a esta pesquisa. Não seria possível visitar todas as cinco regiões do Brasil, por essa razão a pesquisa documental de vídeos foi escolhida para o desenvolvimento da análise.

4.1 CARACTERÍSTICAS DOS VÍDEOS

Bagno (2007) explicou que “[...] para um trabalho de investigação minucioso sobre variação linguística, os sociolinguistas selecionam um conjunto de fatores sociais que podem auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística.” (BAGNO, 2007, p. 43). Entre esses fatores sociais listados por Bagno (2007) encontram-se as redes sociais. Segundo Bagno (2007), “[...] cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico (BAGNO, 2007, p. 44).

Com essa perspectiva em mente, foram escolhidos cinco vídeos da rede social *YouTube*, todos sinalizados em Libras, apresentando referências que os tornam confiáveis para a utilização das informações para análise. Três dos sinalizadores são surdos e professores de Libras e duas sinalizadoras são ouvintes, no entanto são professoras de Libras inseridas na comunidade surda.

Da região Centro-Oeste será analisado o vídeo no *YouTube*, Canal do CAS, de Mato Grosso do Sul, publicado em 4 de outubro de 2018. Visualizado em 07 de junho de 2019. Na categoria: Educação. Sinalizado pela professora de Libras Flávia Martinez Ortiz. Pode ser encontrado no endereço <https://youtu.be/KuJXuQNVBlc>. O vídeo possui 1 minuto e 43 segundos. Nesse vídeo são apresentados vinte sinais de cores e tonalidades.

Da região Nordeste será analisado o vídeo no *YouTube*, Canal do CAS, do Maranhão, publicado em 16 de outubro de 2016. Visualizado em 07 de junho de 2019. Na categoria: Pessoas e blogs. Apresentado pelo professor surdo José Gomes Oliveira. Pode ser encontrado no endereço <https://youtu.be/2QhiSfBfGNg>. O vídeo possui 2 minutos e 5 segundos. Nesse vídeo o professor José apresenta vinte e quatro sinais de cores e tonalidades.

Da região Norte será analisado o vídeo no *YouTube*, Canal Trabalhando com Surdos, pertencente à professora de Libras Marinélia Soares, que trabalha com surdos há 16 anos, uma referência para a educação de surdos de Rio Branco/Acre,

publicado em 22 de junho de 2014. Visualizado em 07 de junho de 2019. Na categoria: Esportes. Pode ser encontrado no endereço <https://youtu.be/jwtmrSfp1kU>. O Vídeo possui 3 minutos e 33 segundos. Nesse vídeo são apresentados doze sinais de cores e tonalidades.

Da região Sudeste será analisado o vídeo no *YouTube*, Canal do INES, do Rio de Janeiro, apresentado por um surdo de nome Heveraldo, publicado em 07 de agosto de 2017. Visualizado em 19 de junho de 2019. Na categoria: Educação. Pode ser encontrado no endereço <https://youtu.be/nVpc00JDfS4>. O Vídeo possui 17 minutos e 43 segundos. É um vídeo mais longo, pois apresenta os sinais das cores associados a movimentos artísticos, do Renascimento ao Grafite, para ilustrar o vocabulário de cores, das primárias, como amarela e vermelha, até cores mais complexas, como lilás ou prateada. Apresenta, assim, dezenove cores e tonalidades.

Da região Sul será analisado o vídeo no *YouTube*, Canal Curso de Libras, do Rio Grande do Sul, pertencente à professora de Libras, surda, Lidiéli, publicado em 25 de março de 2018. Visualizado em 19 de junho de 2019. Na categoria: Pessoas e Blogs. Pode ser encontrado no endereço <https://youtu.be/9kPbtMRCmpw>. O vídeo possui 1 minuto e 2 segundos. A professora Lidiéli apresenta onze sinais de cores e tonalidades.

4.2 APRESENTAÇÃO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como dito, a presente pesquisa objetiva analisar a variação linguística no nível fonológico em Língua Brasileira de Sinais (ou seja, a partir dos parâmetros de formação dos sinais). Foram analisados os sinais das cores em cinco capitais brasileiras, representativas das cinco regiões, a fim de compará-los e verificar possíveis diferenças quanto à configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (MO) e orientação (OR).

Os dados foram coletados em vídeos disponibilizados em canais do *Youtube*, especificamente naqueles com foco no ensino de Libras e, preferencialmente, postados por canais de instituições oficiais ou profissionais habilitados para o ensino da referida língua de modalidade visual-espacial das capitais selecionadas: Campo Grande (MS), São Luís (MA), Rio Branco (AC), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS), conforme a distribuição no quadro a seguir:

Quadro 1 – Referências dos vídeos: sinal cores

Região	Capitais/Fonte	Link de acesso
Centro-Oeste	Campo Grande (MS) CAS	https://youtu.be/2QhiSfBfGNg
Nordeste	São Luís (MA) CAS	https://youtu.be/KuJXuQNVBlc
Norte	Rio Branco (AC) - Professora de Libras	https://youtu.be/jwtmrSfp1kU
Sudeste	Rio de Janeiro (RJ) INES	https://youtu.be/nVpc00JDfS4
Sul	Porto Alegre (RS) Professora de Libras	https://youtu.be/9kPbtMRCmpw

Após coletar os dados, foram realizadas as descrições dos sinais de cada cor, em separado, e em seguida agrupados por semelhança de realização. As descrições foram realizadas conforme os estudos de Quadros e Karnopp (2004) e Quadros (2019) e divididas por regiões. Considerar-se-ão como variação fonológica as alterações de qualquer das configurações de realização do sinal. Se o sinal mudar completamente, será considerado como variação lexical (não é o interesse da presente pesquisa). Serão agrupadas as descrições coincidentes.

4.3 DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DOS SINAIS DAS CORES

Para a descrevermos a variação fonológica, analisamos doze cores que foram sinalizadas em todos os vídeos. Apresentando os resultados encontrados de acordo com a variação nos parâmetros da Libras.

a) Sinal AMAREL@ - Variação Configuração de Mão

Quadro 2 – Sinal cor AMAREL@ - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
AMAREL@ 		Face	Retilíneo 	Para o lado esquerdo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal AMAREL@, nas capitais Campo Grande (MS), São Luís (MA), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com a configuração 26, com a palma orientada para o lado esquerdo.

Quadro 3 – Sinal cor AMAREL@ - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
AMAREL@ 		Face	Retilíneo 	Para o lado esquerdo

Fonte: Pesquisa direta

Na capital Rio Branco, o sinal AMAREL@ é realizado com a configuração 28, com a palma orientada para o lado esquerdo. Nos vídeos analisados, apenas na capital acriana houve variação quanto à configuração de mão. Enquanto as demais realizaram o sinal AMAREL@ com a configuração de mão 26, na capital representativa da região Norte foi observada a configuração de mão 28 na realização do sinal.

b) Sinal AMAREL@ - Variação Movimento

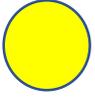
Quadro 4 – Sinal cor AMAREL@ - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
AMAREL@ 		Face	Retilíneo 	Para o lado esquerdo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal AMAREL@, nas capitais Campo Grande (MS), São Luís (MA), Rio de Janeiro (RJ) e Rio Branco (AC), o sinal é realizado com a palma orientada para o lado esquerdo, num movimento retilíneo começando da testa em direção ao queixo. O movimento é retilíneo e não possui duplicação (ou repetição).

Quadro 5 – Sinal cor AMAREL@ - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
AMAREL@ 		Face	Semicircular 	Para o lado esquerdo

Fonte: Pesquisa direta

Na capital Porto Alegre, o sinal AMAREL@ é realizado com a palma orientada para o lado esquerdo, num movimento começando da testa em direção à mandíbula direita. O movimento, portanto, é semicircular e não possui duplicação (ou repetição).

Desse modo, vê-se que o sinal AMAREL@ possui 2 realizações diferentes quanto à realização do movimento, no entanto apenas a capital do Rio Grande do Sul apresenta variação em relação às demais: a realização se dá em movimento semicircular, ao passo que nas demais (Campo Grande, São Luís, Rio Branco e Rio de Janeiro) o movimento é retilíneo.

Quadro 6 – Síntese de variação do sinal AMAREL@

SINAL COR: AMAREL@	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	=	=	=	=
São Luís (MA)	=	=	=	=
Rio de Janeiro (RJ)	=	=	=	=
Rio Branco (AC)	≠	=	=	=
Porto Alegre (RS)	=	=	=	≠

Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal AMAREL@ nas capitais representativas das cinco regiões do

Brasil, destacando que Rio Branco apresentou variação na configuração de mão em relação às outras capitais, e Porto Alegre variou quanto ao movimento.

a) Sinal AZUL - Variação Configuração de Mão

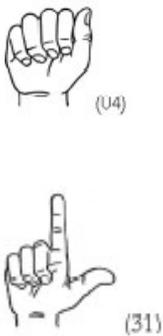
Quadro 7 – Sinal cor AZUL - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
AZUL 		Espaço neutro em frente do sinalizador	Retilíneo 	Para o lado esquerdo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal AZUL, nas capitais Rio Branco (AC), São Luís (MA), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com as mesmas configurações de mãos 19 e 23, no espaço neutro do sinalizador.

Quadro 8 – Sinal cor AZUL - Realização 2

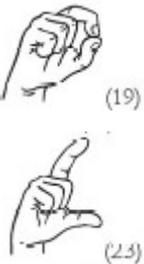
SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
AZUL 		Espaço neutro em frente do sinalizador	Angular 	Para frente

Fonte: Pesquisa direta

Na capital Campo Grande, o sinal AZUL é realizado com as configurações 04 e 31. Nos vídeos analisados, apenas na capital Campo Grande houve variação quanto às configurações de mãos. Enquanto as demais realizaram o sinal AZUL com as configurações de mãos 19 e 23, na capital representativa da região Centro-Oeste foram observadas as configurações de mãos 04 e 31 na realização do sinal.

b) Sinal AZUL - Variação Movimento

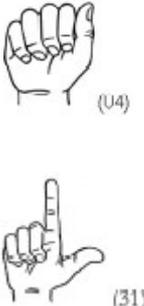
Quadro 9 – Sinal cor AZUL - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
AZUL 		Espaço neutro em frente do sinalizador	Retilíneo 	Para o lado esquerdo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal AZUL, nas capitais Rio Branco (AC), São Luís (MA), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com os mesmos movimentos retilíneos começando na testa até o queixo (de cima para baixo), o movimento é sem duplicação (ou repetição).

Quadro 10 – Sinal cor AZUL - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
AZUL 		Espaço neutro em frente do sinalizador	Angular 	Para frente

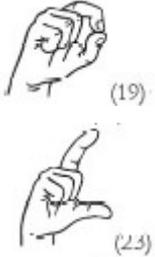
Fonte: Pesquisa direta

Na capital Campo Grande, o sinal AZUL é realizado com um movimento angular no espaço neutro de cima para baixo. O movimento, portanto, é angular e não possui duplicação (ou repetição).

Desse modo, vê-se que o sinal AZUL possui 2 realizações diferentes quanto à realização de movimento, no entanto apenas a capital Campo Grande apresenta variação em relação às demais: a realização se dá em movimento angular, ao passo que nas demais (São Luís, Rio Branco, Rio de Janeiro e Porto Alegre) o movimento é retilíneo.

c) Sinal AZUL – Orientação de Palma

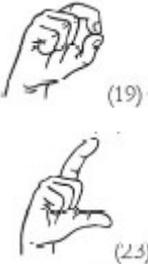
Quadro 11 – Sinal cor AZUL - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
AZUL 		Espaço neutro em frente do sinalizador	Retilíneo 	Para a frente

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal AZUL, nas capitais São Luís (MA), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS) e Campo Grande (MS), o sinal é realizado com as mesmas orientações de palmas: para frente.

Quadro 12 – Sinal cor AZUL - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
AZUL 		Espaço neutro em frente do sinalizador	Retilíneo 	Para o lado esquerdo

Fonte: Pesquisa direta

Na capital Rio Branco, o sinal AZUL é realizado com a orientação de palma para o lado esquerdo.

Desse modo, vê-se que o sinal AZUL possui 2 realizações diferentes quanto à realização da orientação de palma, no entanto apenas a capital Rio Branco apresenta variação em relação às demais: a realização se dá pela orientação de palma para o lado esquerdo, ao passo que nas demais (São Luís, Campo Grande, Rio de Janeiro, Porto Alegre) a orientação de palma é para a frente.

Quadro 13 – Síntese de variação do sinal AZUL

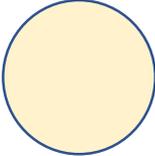
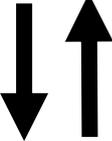
SINAL COR: AZUL	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	≠	=	=	≠
São Luís (MA)	=	=	=	=
Rio de Janeiro (RJ)	=	=	=	=
Rio Branco (AC)	=	=	≠	=
Porto Alegre (RS)	=	=	=	=

Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal AZUL nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destacando que Campo Grande apresentou variação nas configurações de mãos em relação às outras capitais, e Rio Branco variou quanto à orientação de palma em relação às demais capitais, e novamente em Campo Grande houve outra variação quanto ao movimento em relação às outras capitais.

a) Sinal BEGE – Configuração de mão

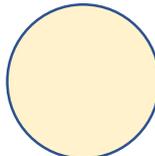
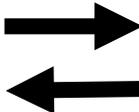
Quadro 14 – Sinal cor BEGE - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
BEGE 	 (50)	Espaço neutro em frente do sinalizador	Bidirecional para cima e Para baixo 	Para frente

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal BEGE, nas capitais Rio Branco (AC) e Campo Grande (MS), o sinal é realizado com as mesmas configurações de mão 50, no espaço neutro do sinalizador.

Quadro 15 – Sinal cor BEGE - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
BEGE 	 (50)  (U4)	Dorso da mão passiva	Bidirecional para o lado esquerdo e para o lado direito 	Para frente

Fonte: Pesquisa direta

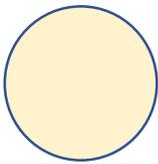
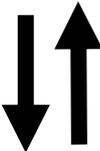
Com relação ao sinal BEGE, nas capitais São Luís (MA) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com as mesmas configurações de mão 50 e 04.

Desse modo, vê-se que o sinal BEGE possui 2 realizações diferentes quanto à realização das configurações de mãos, nas capitais São Luís (MA) e Porto Alegre (RS) o sinal é realizado com as mesmas configurações de mão 50 e 04. Já nas capitais Rio Branco (AC) e Campo Grande (MS) o sinal é realizado com as mesmas

configurações de mão 50. As cidades de Rio Branco e Campo Grande apresentam as mesmas variações: a realização se dá pela configuração de mão 50 em relação às cidades de São Luís e Porto Alegre.

b) Sinal BEGE – Ponto de Articulação

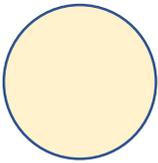
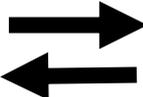
Quadro 16 – Sinal cor BEGE - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
BEGE 	 (50)	Espaço neutro em frente do sinalizador	Bidirecional para cima e Para baixo 	Para frente

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal BEGE, nas capitais Rio Branco (AC), Rio de Janeiro (RJ) e Campo Grande (MS), o sinal é realizado no mesmo Ponto de Articulação, no espaço neutro em frente do sinalizador.

Quadro 17 – Sinal cor BEGE - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
BEGE 	 (50)  (U4)	Dorso da mão passiva	Bidirecional para o lado esquerdo e para o lado direito 	Para frente

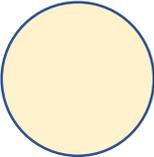
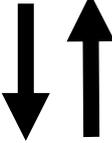
Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal BEGE, nas capitais São Luís (MA) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado no mesmo Ponto de Articulação, no dorso da mão, que está representada pela configuração de mão 04 acima.

Assim sendo, vê-se que o sinal BEGE possui 2 realizações diferentes quanto à realização do ponto de articulação, nas capitais Rio Branco (AC) e Campo Grande (MS) o sinal é realizado no mesmo Ponto de Articulação: a realização se dá no espaço neutro em frente do sinalizador em relação às cidades de São Luís (MA) e Porto Alegre (RS), em que o sinal é realizado no mesmo Ponto de Articulação: a realização se dá no dorso da mão, que está representada pela configuração de mão 04 acima.

c) Sinal BEGE – Movimento

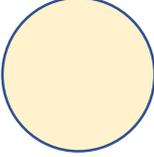
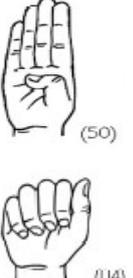
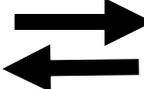
Quadro 18 – Sinal cor BEGE - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
BEGE 		Espaço neutro em frente do sinalizador	Bidirecional para cima e Para baixo 	Para frente

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal BEGE, nas capitais Rio Branco (AC) e Campo Grande (MS), o sinal é realizado com os mesmos movimentos bidirecional começando de cima para baixo.

Quadro 19 – Sinal cor BEGE - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
BEGE 		Dorso da mão passiva	Bidirecional para o lado esquerdo e para o lado direito 	Para frente

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal BEGE, nas capitais Porto Alegre (RS) e São Luís (MA), o sinal é realizado com os mesmos movimentos bidirecionais, porém do lado esquerdo para o direito.

Desse modo, vê-se que o sinal BEGE possui 2 realizações diferentes quanto à realização do movimento, no entanto nas capitais Rio Branco (AC) e Campo Grande (MS) o sinal é realizado com movimento bidirecional: a realização se dá pelo tipo de movimento de cima para baixo, enquanto nas cidades de Porto Alegre (RS) e São Luís (MA) o sinal é realizado com movimento bidirecional: a realização se dá pelo tipo de movimento do lado esquerdo para o lado direito.

Quadro 20 – Síntese de variação do sinal BEGE

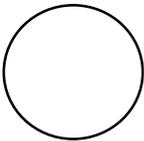
SINAL COR: BEGE	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	=	≠	=	≠
São Luís (MA)	≠	=	=	=
Rio de Janeiro (RJ)	Sinal lexical	Sinal lexical	Sinal lexical	Sinal lexical
Rio Branco (AC)	=	≠	=	≠
Porto Alegre (RS)	≠	=	=	=

Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal BEGE nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destacando que Porto Alegre e São Luís apresentaram variação nas configurações de mãos 50 e 04 em relação às capitais Rio Branco e Campo Grande, em que houve variação quanto à configuração de mão 50. Ainda nas cidades de Rio Branco e Campo Grande houve outra variação quanto ao ponto de articulação em relação às outras capitais. Houve uma variação em relação ao movimento bidirecional (de cima para baixo) do sinal BEGE nas cidades de Rio Branco e Campo Grande em relação às cidades de Porto Alegre e São Luís.

a) Sinal BRANC@ – Configuração de mão

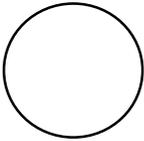
Quadro 21 – Sinal cor BRANC@ - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
BRANCO 	 (52)	Braço	Semicircular 	Para trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal BRANC@, nas capitais Rio de Janeiro (RJ) e São Luís (MA), o sinal é realizado com as mesmas configurações de mãos 52.

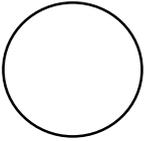
Quadro 22 – Sinal cor BRANC@- Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
BRANCO 	 (50)	Braço	Semicircular 	Para trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal BRANC@, na capital Rio Branco (AC) o sinal é realizado com a configuração de mão 50.

Quadro 23 – Sinal cor BRANC@ - Realização 3

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
BRANCO 	 (51)	Braço	Semicircular 	Para trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal BRANC@, na capital Campo Grande (MS) o sinal é realizado com a configuração de mão 51.

Desse modo, vê-se que o sinal BRANC@ possui 3 realizações diferentes quanto à realização da configuração de mãos, na capital Rio Branco (AC) o sinal é realizado com a configuração de mão 50; em Campo Grande (MS) o sinal é realizado com a configuração de mão 51; e nas capitais Rio de Janeiro (RJ) e São Luís (MA) o sinal é realizado com as mesmas configurações de mãos 52.

Quadro 24 – Síntese de variação do sinal BRANC@

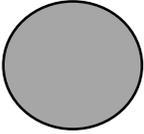
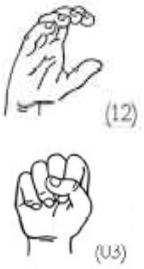
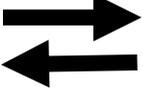
SINAL COR: BRANC@	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	≠	=	=	=
São Luís (MA)	≠	=	=	=
Rio de Janeiro (RJ)	≠	=		=
Rio Branco (AC)	≠	=	=	=
Porto Alegre (RS)	≠	≠	≠	≠

Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal BRANC@ nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destacando que Rio Branco apresentou variação na configuração de mão 50 em relação às capitais São Luís e Rio de Janeiro, em que se variou quanto à configuração de mão 52, e em relação a Campo Grande, em que se variou também em relação à configuração de mão 51. O sinal realizado em Porto Alegre não se enquadra nesta análise por ser um léxico completamente diferente.

a) Sinal CINZA – Orientação de Palma

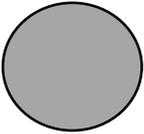
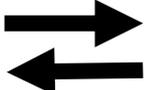
Quadro 25 – Sinal cor CINZA - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
CINZA 		Dorso da mão	Bidirecional para o lado esquerdo e para o lado direito 	Para frente

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal CINZA, nas capitais Rio Branco (AC) e Rio de Janeiro (RJ), o sinal é realizado com a orientação de palma para frente.

Quadro 26 – Sinal cor CINZA - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
CINZA 		Dorso da mão	Bidirecional na diagonal lado esquerdo e lado direito 	Na diagonal esquerda frente

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal CINZA, nas capitais São Luís (MA), Campo Grande (MS) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com a orientação de palma na diagonal esquerda frente.

Desse modo, vê-se que o sinal CINZA possui 2 realizações diferentes quanto à realização da orientação de palma, nas capitais Rio Branco (AC) e Rio de Janeiro (RJ) o sinal é realizado com a orientação de palma para frente em relação às outras cidades São Luís (MA), Campo Grande (MS) e Porto Alegre (RS), onde o sinal é realizado com a orientação de palma na diagonal esquerda frente.

Quadro 27 – Síntese de variação do sinal CINZA

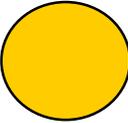
SINAL COR: CINZA	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	=	=	≠	=
São Luís (MA)	=	=	≠	=
Rio de Janeiro (RJ)	=	=	≠	=
Rio Branco (AC)	=	=	≠	=
Porto Alegre (RS)	=	=	≠	=

Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal CINZA nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destacando que Rio Branco e Rio de Janeiro apresentaram variação na orientação de palma para frente em relação às capitais de São Luís, Campo Grande e Porto Alegre, que variaram em relação à orientação de palma na diagonal esquerda frente.

a) Sinal LARANJA – Movimento

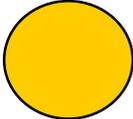
Quadro 28 – Sinal cor LARANJA- Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
LARANJA 	 	Em frente da boca	Abrir e fechar repetidas vezes	Para o lado esquerdo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal LARANJA, nas capitais Rio Branco (AC) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com o movimento abrir e fechar, repetidas vezes.

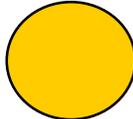
Quadro 29 – Sinal cor LARANJA- Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
LARANJA 	 (12)  (U3)	Em frente da boca	Fechar sem repetição	Para o lado esquerdo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal LARANJA, nas capitais Campo Grande (MS) e Rio de Janeiro (RJ), o sinal é realizado com o movimento fechar, sem repetição.

Quadro 30 – Sinal cor LARANJA- Realização 3

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
LARANJA 	 (U3)  (12)	Em frente à boca	Circular 	Para o lado esquerdo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal LARANJA, na capital São Luís (MA) o sinal é realizado com o movimento circular.

Desse modo, vê-se que o sinal LARANJA possui 3 realizações diferentes quanto à realização do movimento, nas capitais Rio Branco (AC) e Porto Alegre (RS) o sinal é realizado com o movimento abrir e fechar, repetidas vezes, em relação às cidades de Campo Grande (MS) e Rio de Janeiro (RJ), em que o sinal é realizado com o movimento fechar, sem repetição. E na cidade de São Luís (MA) o sinal é realizado com movimento circular em frente à boca.

Quadro 31 – Síntese de variação do sinal LARANJA

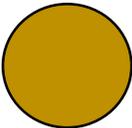
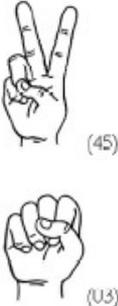
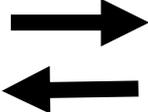
SINAL COR: LARANJA	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	=	=	=	≠
São Luís (MA)	=	=	=	≠
Rio de Janeiro (RJ)	=	=	=	≠
Rio Branco (AC)	=	=	=	≠
Porto Alegre (RS)	=	=	=	≠

Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal LARANJA nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destacando que Rio Branco e Porto Alegre apresentaram variação no movimento: a realização do sinal se dá pelo movimento de abrir e fechar, repetidas vezes, em relação às capitais de Campo Grande e Rio de Janeiro, que variaram em relação ao movimento: a realização do sinal se dá pelo movimento fechar, sem repetição. E a cidade de São Luís apresentou uma variação no movimento: a realização do sinal se dá pelo movimento circular em frente à boca, em relação as demais capitais citadas anteriormente.

a) Sinal MARROM – Configuração de Mão

Quadro 32 – Sinal cor MARROM - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
MARROM 		Dorso da mão	Bidirecional na diagonal esquerda frente 	Na diagonal esquerda trás

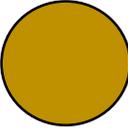
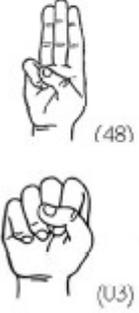
Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal MARROM, na capital Rio de Janeiro (RJ), o sinal é realizado com as configurações de mãos 45 e 03.

Desse modo, vê-se que o sinal MARROM possui 2 realizações diferentes quanto à realização de configurações de mãos, na capital Rio de Janeiro (RJ) o sinal é realizado com as configurações de mãos 45 e 03, em relação às outras cidades, em que o sinal é realizado com as configurações de mãos 48 e 03.

b) Sinal MARROM – Movimento

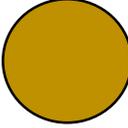
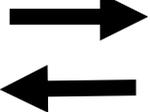
Quadro 33 – Sinal cor MARROM - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
MARROM 		Dorso da mão	Bidirecional semicircular 	Para baixo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal MARROM, na capital São Luís (MA), o sinal é realizado com o movimento bidirecional: semicircular.

Quadro 34 – Sinal cor MARROM - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
MARROM 		Dorso da mão	Bidirecional na diagonal esquerda frente 	Para baixo

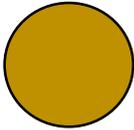
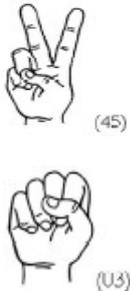
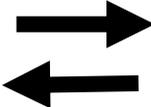
Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal MARROM, nas capitais Rio Branco (AC), Campo Grande (MS), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com o movimento bidirecional.

Desse modo, vê-se que o sinal MARROM possui 2 realizações diferentes quanto à realização do movimento, na capital São Luís (MA) o sinal é realizado com movimento: semicircular, em relação às outras cidades, em que o sinal é realizado com movimento: bidirecional.

b) Sinal MARROM – Orientação de Palma

Quadro 35 – Sinal cor MARROM - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
MARROM 		Dorso da mão	Bidirecional na diagonal esquerda frente 	Na diagonal esquerda trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal MARROM, na capital Rio de Janeiro (RJ), o sinal é realizado com a orientação de palma, na diagonal esquerda trás.

Desse modo, vê-se que o sinal MARROM possui 2 realizações diferentes quanto à realização da orientação de palma, na capital Rio de Janeiro (RJ) o sinal é realizado com a orientação de palma na diagonal esquerda para trás, em relação às outras cidades, em que o sinal é realizado com a orientação de palma para baixo.

Quadro 36 – Síntese de variação do sinal CINZA

SINAL COR: CINZA	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	=	=	=	=
São Luís (MA)	=	≠	=	=
Rio de Janeiro (RJ)	≠	=	≠	=
Rio Branco (AC)	=	=	=	=
Porto Alegre (RS)	=	=	=	=

Fonte: Pesquisa direta

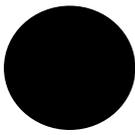
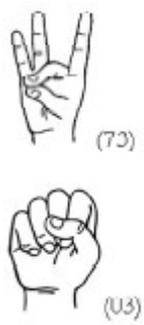
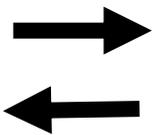
O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal MARROM nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destacando que Rio de Janeiro apresentou variação nas configurações de mãos: a realização do sinal se dá pelas configurações de mãos 45 e 03, em relação às capitais de Campo Grande, Rio Branco, São Luís e Porto Alegre, que variaram em relação às configurações de mãos: a realização do sinal se dá pelas configurações de mãos 48 e 03.

Quanto ao parâmetro movimento, a cidade de São Luís apresentou uma variação: a realização do sinal se dá pelo movimento: semicircular, em relação às outras cidades: a realização do sinal se dá pelo movimento: bidirecional.

A capital Rio de Janeiro (RJ) apresentou uma variação: que se dá pela orientação de palma: a realização se dá pela orientação de palma na diagonal esquerda para trás, em relação às outras cidades: a realização do sinal se dá pela orientação de palma para baixo.

a) Sinal PRET@ – Configuração de Mão

Quadro 37 – Sinal cor PRET@ - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
PRET@ 		Dorso da mão	Bidirecional na diagonal esquerda frente 	Na diagonal esquerda baixo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal PRET@, nas capitais Rio Branco (AC) e Rio de Janeiro (RJ), o sinal é realizado com as configurações de mãos 73 e 03.

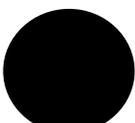
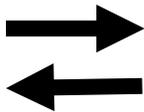
Quadro 38 – Sinal cor PRET@ - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
PRET@ 	 (17)	Lateral da testa	Semicircular 	De frente para trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal PRET@, nas capitais Campo Grande (MS) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com a configuração de mão 17.

Quadro 39 – Sinal cor PRET@ - Realização 3

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
PRET@ 	 (28)  (03)	Dorso da mão	Bidirecional diagonal esquerda frente 	Na diagonal esquerda baixo

Fonte: Pesquisa direta

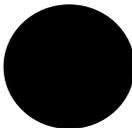
Com relação ao sinal PRET@, na capital São Luís (MA), o sinal é realizado com as configurações de mãos 28 e 03.

Desse modo, vê-se que o sinal PRET@ possui 3 realizações diferentes quanto à realização das configurações de mãos, nas capitais Rio Branco (AC) e Rio de Janeiro (RJ) o sinal é realizado com as configurações de mãos 73 e 03, em relação às capitais Campo Grande (MS) e Porto Alegre (RS), em que o sinal é realizado com

a configuração de mão 17. E na cidade de São Luís (MA) o sinal é realizado com a com as configurações de mão 28 e 03.

b) Sinal PRET@ – Ponto de Articulação

Quadro 40 – Sinal cor PRET@ - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
PRETO 		Lateral da testa	Semicircular 	De frente para trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal PRETO, nas capitais Campo Grande (MS) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com o ponto de articulação na lateral da testa.

Desse modo, vê-se que o sinal PRETO possui 2 realizações diferentes quanto à realização das Ponto de Articulação, nas capitais Campo Grande (MS) e Porto Alegre (RS) o sinal é realizado com o ponto de articulação na lateral da testa, em relação às capitais Rio de Janeiro (RJ), São Luís (MA) e Rio Branco (AC), em que o sinal é realizado com o ponto de articulação no dorso da mão.

c) Sinal PRET@ – Movimento

Quadro 41 – Sinal cor PRET@ - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
PRETO 		Lateral da testa	Semicircular 	De frente para trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal PRET@, nas capitais Campo Grande (MS) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com movimento: semicircular.

Quadro 42 – Sinal cor PRET@ - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
PRETO		Dorso da mão	Bidirecional diagonal esquerda frente 	Na diagonal esquerda para baixo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal PRET@, nas capitais Rio Branco (AC), São Luís (MA) e Rio de Janeiro (RJ), o sinal é realizado com movimento: bidirecional.

Desse modo, vê-se que o sinal PRET@ possui 2 realizações diferentes quanto à realização do movimento, nas capitais Campo Grande (MS) e Porto Alegre (RS) o sinal é realizado com movimento: semicircular, em relação às capitais Rio Branco (AC), São Luís (MA) e Rio de Janeiro (RJ), onde o sinal é realizado com movimento: bidirecional.

d) Sinal PRET@ – Orientação de Palma

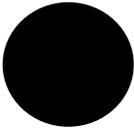
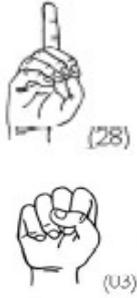
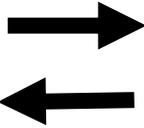
Quadro 43 – Sinal cor PRET@ - Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
PRET@		Lateral da testa	Semicircular 	De frente para trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal PRET@, nas capitais Campo Grande (MS) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com orientação de palma da frente para trás.

Quadro 44 – Sinal cor PRET@ - Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
PRET@ 		Dorso da mão	Bidirecional diagonal esquerda frente 	Na diagonal esquerda para baixo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal PRET@, nas capitais Rio de Janeiro (RJ), São Luís (MA) e Rio Branco (AC), o sinal é realizado com orientação de palma na diagonal esquerda frente.

Desse modo, vê-se que o sinal PRET@ possui 2 realizações diferentes quanto ao movimento, nas capitais Rio de Janeiro (RJ), São Luís (MA) e Rio Branco (AC) o sinal é realizado com orientação de palma: a realização se dá pela orientação de palma na diagonal esquerda frente, em relação às capitais Campo Grande (MS) e Porto Alegre (RS), onde o sinal é realizado com orientação de palma: de frente para trás.

Quadro 45 – Síntese de variação do sinal PRET@

SINAL COR: PRETO	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	≠	≠	≠	≠
São Luís (MA)	≠	=	=	=
Rio de Janeiro (RJ)	≠	=	=	=
Rio Branco (AC)	≠	=	=	=
Porto Alegre (RS)	≠	≠	≠	≠

Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal PRET@ nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destacando que Rio de Janeiro e Rio Branco apresentaram variação nas configurações de mãos: a realização do sinal se dá pelas configurações de mãos 73 e 03, em relação às capitais de Campo Grande e Porto Alegre, que variaram em relação às configurações de mãos: a realização do sinal se dá pelas configurações de mãos 17. Já a cidade São Luís variou no sinal realizado: a realização se dá pela configuração de mão 28 e 03, em relação às outras cidades citadas acima.

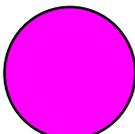
O parâmetro ponto de articulação no quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal PRET@ nas capitais, destacando que Porto Alegre e Campo Grande variaram no ponto de articulação: a realização se dá no ponto de articulação lateral da testa, em relação às outras cidades Rio de Janeiro, Rio Branco e São Luís.

O parâmetro orientação de palma no quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal PRET@ nas capitais, destacando que Porto Alegre e Campo Grande variaram na orientação de palma: a realização do sinal se dá pela orientação de palma de frente para trás, em relação às cidades Rio de Janeiro, Rio Branco e São Luís.

O parâmetro movimento no quadro anterior apresenta uma variação fonológica do sinal PRET@ nas capitais, destacando que Porto Alegre e Campo Grande variaram no movimento: a realização do sinal se dá pelo movimento semicircular, em relação às cidades Rio de Janeiro, Rio Branco e São Luís.

a) Sinal ROSA – Léxico

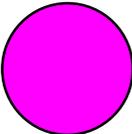
Quadro 46 – Sinal cor ROSA – Léxico 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
ROSA 		No rosto	circular	Na diagonal esquerda frente

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal ROSA, nas capitais Rio Branco (AC), Porto Alegre (RS) e Campo Grande (MS), o sinal foi analisado por meio dos vídeos e constatou-se que este sinal se trata de uma variação lexical.

Quadro 47 – Sinal cor ROSA – Léxico 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
ROSA 		No contorno da face	angular 	Na diagonal esquerda trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal ROSA, nas capitais Rio de Janeiro (RJ) e São Luís (MA), o sinal foi analisado por meio dos vídeos e constatou-se que este sinal se trata de uma variação lexical.

Desse modo, vê-se que o sinal ROSA não possui realizações diferentes quanto aos parâmetros da Libras. Nas capitais Rio de Janeiro (RJ) e São Luís (MA) o sinal ROSA é realizado como léxico. Já em relação às cidades de Rio Branco (AC), Porto Alegre (RS) e Campo Grande (MS), o sinal é realizado completamente diferente, não havendo variação. O fenômeno existente é uma variação lexical, tema que não é de interesse desta pesquisa.

Quadro 48 – Síntese lexical do sinal ROSA

SINAL COR: ROSA	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	=	=	=	=
São Luís (MA)	≠	≠	≠	≠
Rio de Janeiro (RJ)	≠	≠	≠	≠
Rio Branco (AC)	=	=	=	=
Porto Alegre (RS)	=	=	=	=

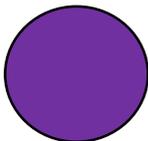
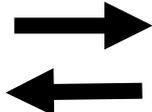
Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação lexical do sinal ROSA nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destacando

que nas cidades Rio de Janeiro e São Luís os sinais realizados são variações lexicais, ou seja, completamente diferentes, em relação às cidades Porto Alegre (RS), Rio Branco (AC) e Campo Grande (MS), que apresentaram variação lexical do sinal ROSA totalmente diferente da proposta desta pesquisa. Por tanto, este sinal não foi analisado com base nos parâmetros fonológicos da Libras.

a) Sinal ROXO - Léxico

Quadro 49 – Sinal cor ROXO – Léxico

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
ROXO 		No dorso da mão	Bidirecional do lado esquerdo para o lado direito 	Para baixo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal ROXO, nas capitais Rio de Janeiro (RJ), São Luís (MA), Porto Alegre (RS), Rio Branco (AC) e Campo Grande (MA), o sinal foi analisado por meio dos vídeos e constatou-se que em nenhuma destas cidades houve variação fonológica.

Desse modo, vê-se que o sinal ROXO é o mesmo léxico em todas as cidades, não havendo variação fonológica em nenhuma das capitais, Rio de Janeiro, São Luís, Porto Alegre, Rio Branco e Campo Grande.

Quadro 50 – Síntese lexical do sinal ROXO

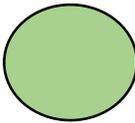
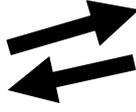
SINAL COR: ROXO	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	=	=	=	=
São Luís (MA)	=	=	=	=
Rio de Janeiro (RJ)	=	=	=	=
Rio Branco (AC)	=	=	=	=
Porto Alegre (RS)	=	=	=	=

Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à mesma variação lexical do sinal ROXO nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, Rio de Janeiro (RJ), São Luís (MA), Porto Alegre (RS), Rio Branco (AC) e Campo Grande (MA). Assim sendo, não houve nenhum tipo variação fonológica do sinal ROXO nas cidades citadas acima.

a) Sinal VERDE – Configuração de mão

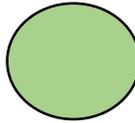
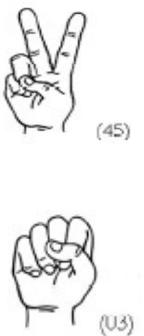
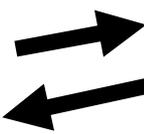
Quadro 51 – Sinal cor VERDE – Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
VERDE 		No dorso da mão	Bidirecional na diagonal trás e frente 	Para baixo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal VERDE, na capital Rio Branco (AC), o sinal é realizado com a configuração de mão 42 e 03.

Quadro 52 – Sinal cor VERDE – Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
VERDE 		No dorso da mão	Bidirecional na diagonal trás e frente 	Para baixo

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal VERDE, nas capitais São Luís (MA), Campo Grande (MS), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com a configuração de mão 45 e 03

Desse modo, vê-se que o sinal VERDE possui 2 realizações diferentes quanto à realização da configuração de mão, na capital Rio Branco (AC) o sinal é realizado com configuração de mão 42 e 03, em relação às capitais São Luís (MA), Campo Grande (MS), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS), nas quais o sinal é realizado com a configuração de mão 45 e 03.

Quadro 53 – Síntese de variação do sinal VERDE

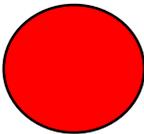
SINAL COR: VERDE	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	=	=	=	=
São Luís (MA)	=	=	=	=
Rio de Janeiro (RJ)	=	=	=	=
Rio Branco (AC)	≠	=	=	=
Porto Alegre (RS)	=	=	=	=

Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal VERDE nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destacando Rio Branco, que apresentou variação fonológica: a realização se dá pela configuração de mão 42 e 03, em relação às cidades Rio de Janeiro, São Luís, Campo Grande e Porto Alegre, que apresentaram uma variação: a realização do sinal se dá pela configuração de mão 45 e 03.

a) Sinal VERMELHO –Configuração de mão

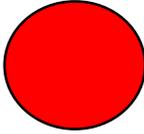
Quadro 54 – Sinal cor VERMELHO – Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
VERMELHO 	 (28)	No queixo	Retilíneo para frente com flexão média do dedo 	Para trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal VERMELHO, nas capitais Rio Branco (AC) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com a configuração de mão 28.

Quadro 55 – Sinal cor VERMELHO – Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
VERMELHO 	 (26)	Na boca (lábio inferior)	Retilíneo para frente com flexão média do dedo 	Para trás

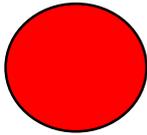
Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal VERMELHO, nas capitais São Luís (MA), Campo Grande (MS) e Rio de Janeiro (RJ), o sinal é realizado com a configuração de mão 26.

Desse modo, vê-se que o sinal VERMELHO possui 2 realizações diferentes quanto à realização da configuração de mão, nas capitais Rio Branco (AC) e Porto Alegre (RS) o sinal é realizado com configuração de mão 28, em relação às capitais São Luís (MA), Campo Grande (MS) e Rio de Janeiro (RJ), onde o sinal é realizado com a configuração de mão 26.

b) Sinal VERMELHO – Ponto de Articulação

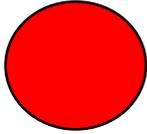
Quadro 56 – Sinal cor VERMELHO – Realização 1

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
VERMELHO 	 (26)	Na boca (lábio inferior)	Retilíneo para frente com flexão média do dedo 	Para trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal VERMELHO, nas capitais São Luís (MA), Campo Grande (MS) e Rio de Janeiro (RJ), o sinal é realizado com o ponto de articulação na boca, na parte inferior do lábio.

Quadro 57 – Sinal cor VERMELHO – Realização 2

SINAL/COR	Configuração de mão	Ponto de articulação	Movimento	Orientação de Palma
VERMELHO 	 (28)	No queixo	Retilíneo para frente com flexão média do dedo 	Para trás

Fonte: Pesquisa direta

Com relação ao sinal VERMELHO, nas capitais Rio Branco (AC) e Porto Alegre (RS), o sinal é realizado com o ponto de articulação no queixo.

Desse modo, vê-se que o sinal VERMELHO possui 2 realizações diferentes quanto à realização do ponto de articulação, nas capitais Rio Branco (AC) e Porto Alegre (RS) o sinal é realizado com o ponto de articulação no queixo, em relação às capitais São Luís (MA), Campo Grande (MS) e Rio de Janeiro (RJ), em que o sinal é realizado com o ponto de articulação na boca, na parte inferior do lábio.

Quadro 58 – Síntese de variação do sinal VERMELHO

SINAL COR: ROXO	Configuração de mão	Ponto de Articulação	Orientação de Palma	Movimento
Campo Grande (MS)	=	=	=	=
São Luís (MA)	=	=	=	=
Rio de Janeiro (RJ)	=	=	=	=
Rio Branco (AC)	≠	≠	=	=
Porto Alegre (RS)	≠	≠	=	=

Fonte: Pesquisa direta

O quadro anterior apresenta uma síntese geral em relação à variação fonológica do sinal VERMELHO nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destacando Rio Branco e Porto Alegre, que apresentaram variação fonológica: a realização se dá pela configuração de mão 28, em relação às cidades Rio de Janeiro, São Luís e Campo Grande, que apresentaram uma variação: a realização do sinal se dá pela configuração de mão 26.

O parâmetro ponto de articulação apresenta uma variação fonológica: a realização do sinal se dá pelo ponto de articulação, no queixo nas cidades Rio Branco e Porto Alegre, em relação às capitais São Luís, Campo Grande e Rio de Janeiro: em que a realização do sinal se dá pelo ponto de articulação: na boca, parte inferior do lábio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua Brasileira de Sinais é a língua falada por grande parcela da comunidade surda dos centros urbanos do Brasil (QUADROS, 2019) e se caracteriza por ser de modalidade visual-espacial. As pesquisas voltadas para as línguas de sinais iniciaram, como se viu, com Willian Stokoe e continuaram por outros linguistas. Reconheceu-se que as línguas de sinais possuem todas as características das línguas naturais, entre elas as unidades de formação que incluem fonologia, morfologia, sintaxe e outros. Mas também há questões sociolinguísticas, entre elas a variação. Esses aspectos foram o foco da presente pesquisa.

A pesquisa teve como objetivo descrever a variação fonológica do léxico do campo semântico das cores em Libras, numa perspectiva diatópica, em cinco capitais representativas das cinco regiões do Brasil. Para se alcançar esse objetivo, foram coletados vídeos que apresentam o tema “cores” disponibilizados em canais do *Youtube*, com foco no ensino de Libras, originários de capitais das cinco regiões. Os vídeos são sinalizados por professores de Libras, três dos professores são surdos e dois são ouvintes especialistas em Libras. As capitais escolhidas foram Campo Grande (MS), São Luís (MA), Rio Branco (AC), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS). Como o objetivo deste trabalho visa analisar a variação linguística no nível fonológico em Língua Brasileira de Sinais, foi necessário analisar os sinais das cores de modo a compará-los e verificar possíveis diferenças quanto à configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (MO) e orientação (OR).

Após coletar os dados, foram realizadas as descrições fonológicas dos sinais de cada cor, avaliando o que seria variação fonológica e o que seria variação lexical.

Após analisados, pôde-se observar que na cor AMAREL@ Rio Branco apresentou variação na Configuração de Mão em relação às outras capitais e Porto Alegre apresentou variação quanto ao movimento.

No sinal da cor AZUL a variação aconteceu em Campo Grande e foi possível observar a variação nas configurações de mãos e de movimento, em relação às outras capitais, e em Rio Branco a variação aconteceu quanto à orientação de palma.

Em relação ao sinal na cor BEGE, nas capitais representativas das cinco regiões do Brasil, destaca-se que Porto Alegre e São Luís apresentaram variação nas configurações de mãos em relação às capitais Rio Branco e Campo Grande. Nas cidades de Rio Branco e Campo Grande, houve também variação quanto ao ponto de

articulação. Houve uma variação em relação ao movimento bidirecional (de cima para baixo) do sinal BEGE nas cidades de Rio Branco e Campo Grande, em relação às cidades Porto Alegre e São Luís. Quanto ao Rio de Janeiro, a variação apresentada foi lexical, por essa razão não foi avaliada.

Quanto à variação fonológica do sinal BRANCO, foi possível observar que Rio Branco apresentou variação na configuração de mão, em relação às capitais São Luís e Rio de Janeiro e Campo Grande, que variou também em relação à configuração de mão 51. O sinal realizado em Porto Alegre não se enquadra nesta análise por ser um léxico completamente diferente.

No sinal da cor CINZA, destaca-se que Rio Branco e Rio de Janeiro apresentaram variação na orientação de palma, em relação às capitais de São Luís, Campo Grande e Porto Alegre.

No sinal da cor LARANJA as capitais Rio Branco e Porto Alegre apresentaram variação no movimento, na repetição contínua em abrir e fechar as mãos, em relação às capitais Campo Grande e Rio de Janeiro, já a cidade de São Luís apresentou uma variação no movimento circulatório das mãos.

Em relação ao sinal MARROM, Rio de Janeiro apresentou variação nas configurações de mãos e na orientação em relação a Campo Grande, Rio Branco, São Luís e Porto Alegre. Enquanto São Luís apresentou uma variação no parâmetro movimento em relação às outras cidades.

Em relação à variação fonológica do sinal PRETO, destaca-se que Rio de Janeiro e Rio Branco apresentaram variação nas configurações de mãos, em relação às capitais Campo Grande e Porto Alegre. Já na cidade de São Luís a variação aconteceu na realização do sinal por meio da configuração de mão em relação às outras cidades citadas. Porto Alegre e Campo Grande variaram no ponto de articulação em relação às cidades do Rio de Janeiro, de Rio Branco e de São Luís. O parâmetro orientação de palma apresentou variação fonológica em Porto Alegre e Campo Grande, acontecendo variação na orientação de palma no Rio de Janeiro, Rio Branco e São Luís. No parâmetro movimento, apresentou-se uma variação fonológica do sinal PRETO nas capitais Porto Alegre e Campo Grande, que variaram no movimento em relação às cidades do Rio de Janeiro, Rio Branco e São Luís.

Em relação ao sinal ROSA, aconteceu a variação lexical, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Luís os sinais realizados são completamente diferentes, em

relação às cidades de Porto Alegre (RS), Rio Branco (AC) e Campo Grande (MS). Por isso, este sinal não foi analisado com base nos parâmetros fonológicos da Libras.

Quanto ao sinal ROXO, não houve nenhuma variação. Esse foi o único sinal que não sofreu variação.

No sinal VERDE, a variação se apresentou na configuração de mão, nos sinais realizados em Rio Branco a configuração de mão é diferente em relação às cidades do Rio de Janeiro, São Luís, Campo Grande e Porto Alegre.

Em relação à variação fonológica do sinal VERMELHO, Rio Branco e Porto Alegre apresentaram variação fonológica na configuração de mão e no ponto de articulação, em relação às cidades do Rio de Janeiro, São Luís e Campo Grande.

Com essa pesquisa, pode-se observar a Libras como uma língua que possui características linguísticas que são encontradas em todas as línguas naturais, o que a torna uma língua heterogênea e, portanto, variável. Foi possível observar a variação diatópica, analisando como em cada região eram apresentados os sinais, possibilitando verificar que a variedade existe e ela é refletida na língua. E, dessa forma, comprova-se que as línguas de sinais possuem um vocabulário extenso, e que é necessário conhecer esses sinais e recebê-los, ampliando as informações e o conhecimento acerca da Libras.

Sem dúvida já existe a consciência de que ainda há muito a ser analisado quanto à variação linguística nas línguas de sinais. Esta pesquisa não esgota o tema e pretende lançar discussão e motivar o desenvolvimento de outros estudos, seja buscando a variação em outros campos semânticos (diferente do campo das cores), seja analisando com mais profundidade os parâmetros de formação dos sinais, seja buscando as variações em outras cidades do Brasil. Estudar a Língua Brasileira de Sinais é primordial para a valorização da língua.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, K.; FARIA, E. Ensino de língua de sinais: aspectos variacionais fonológicos da Língua Brasileira de Sinais. **DLCV - Língua, Linguística & Literatura**. Paraíba, v. 14, n 2, p. 241 - 245. Dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/14.231.10.22478/ufpb.2237-0900.2018v14n2.35914>. Acesso em: 26 out. 2019.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso** – por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistérios**. Salvador: Libras escrita, 2015.
- BAUER, M. W.; GASKELL G. **Pesquisa Qualitativa Com Texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2003.
- HERNANDORENA C.L.M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 20 out. 2019.
- BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- CAS, MA. **Vídeo Aula de Libras – Cores (ComuniCAS em Libras)**. 2016. (2m47s). Disponível em: <https://youtu.be/KuJXuQNVBlc>. Acesso em: 07 jun. 2019.
- CAS, MS. **Cores e Tonalidades (CAS/MS)**. 2018. (2m8s). Disponível em: <https://youtu.be/2QhiSfBfGNg>. Acesso em: 07 jun. 2019.
- CALLOU, D; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CASTRO JÚNIOR, G. **Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira: Foco no Léxico**. 2011 (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2011.
- CURSO DE LIBRAS, **10 Cores em Libras. (PASSO FUNDO RS)**. 2018. (1m02s). Disponível em: <https://youtu.be/9kPbtMRCmpw> . Acesso em: 07 jun. 2019.
- DINIZ, H. G. **A História da Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.
- DUARTE, Anderson Simão. **Ensino de libras para ouvintes numa abordagem dialógica: contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático**.

Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Cuiabá, 2011.

FARIA, S. P. N. **Metáfora na LSB: debaixo dos panos ou a um palmo debaixo dos nossos narizes**. ETD - Educação Temática Digital, v. 7, n. 2, p. 179-199, nov. 2008. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101693>. Acesso em: 16 Ago. 2019.

FARIA, S. P. N. **Representações lexicais da língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. Tese de Doutorado. Brasília: UnB Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, 2009.

FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavra na Libras**. ETD -Educação Temática Digital, v. 7, n. 2, p. 200-217. Nov. 2008. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101710>. Acesso em: 27 de ago. 2019.

FELIPE, T. A. (2012). **Bilinguismo e surdez. Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 14, n. 1, 14 dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639105>. Acesso em: 21 out. 2019.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor**. 7ª. Edição, Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2008.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. Editora Atlas S.A, São Paulo, 2002.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ETTO, M. R; CARLOS, V. G. Sociolinguística: o papel do social na língua. **Mosaico**, São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 719-737, Nov. 2017, Disponível em: <https://proceedings.science/ciel-2017/papers/sociolinguistica%3A-o-papel-do-social-na-lingua?lang=pt-br>. Acesso em: 18 out. 2019.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 10 abr. 2019.

NASCIMENTO, S. P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: Uma Proposta Lexicográfica**. 2009 (Tese de Doutorado), Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

NETTO, F. W. **Introdução à fonologia da Língua Portuguesa**. 2a. Edição Revisada. São Paulo: Paulistana, 2011.

NUNES, Renato. **Aula de Libras – Cores. (INES)**. 2017. (17m44s). Disponível em: <https://youtu.be/nVpc00JDfS4>. Acesso em: 07 jun. 2019.

OLIVEIRA, R; C. A; MARQUES, R. R. Uso da variação linguística na língua brasileira de sinais. **Diálogos: linguagens em movimento**, Cuiabá, v. 02, n. 1, p. 85-91, 2014. Disponível em: <http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2765>. Acesso em 30 de set. 2019

PRETI, D. **Sociolinguística, os níveis da fala**: um estudo sociolinguístico do diálogo literário. São Paulo: Editora Nacional, 3ª ed., 1994.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.

QUADROS, R. M. KARNOOP L. B. **Língua de sinais brasileira** – Estudos Linguísticos. Porto Alegre. Artes Médicas. 2004.

QUADROS, R. M. **Libras**. Porto Alegre. Parábola. 2019.

SANTOS, P. T. **A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira**: Proposta de Organização e de Registro de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico em Glossário Bilíngue. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SILVA, T C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guias de exercícios. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, Marinélia. **Cores em Libras. (TRABALHANDO COM SURDOS)**. 2017. (3m33s). Disponível em: <https://youtu.be/jwtmrSfp1kU> . Acesso em: 07 jun. 2019.

SOARES, Marinélia. **Blog: www.trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br**. 2016. Disponível em: <https://www.trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br> Acesso em: 07 jun. 2019.

STOKOE, William. **Sign Language Structure**: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. Studies in Linguistics: Occasional Papers, 8, Washington, DC: Gallaudet University Press, 1960.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 5. Ed. São Paulo: Ed Ática, 1997.

THIOLLENT, M., **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

VARGAS, V. G. L., **Variação Diatópica na Língua Brasileira de Sinais**: a questão do léxico no campo semântico “família”. Dissertação. Letras: Linguagem e Identidade. Universidade Federal do Acre, Rio Branco. 2017.

VILLALVA, A., **Morfologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, F. V., Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Linguagem**, v. 11, n. 3, p. 983-1006, 1 out. 2017.

XAVIER, A.; NEVES, S. Descrição de Aspectos da Morfologia da Libras. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, p. 130-151, 18 dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/43933>. Acesso em: 09 out. 2019.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras. **DELTA**. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-413, dez 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502014000200371&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2019.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Editora Bookman, Porto Alegre, 2001.